

foco

Cr. \$ 5,00

EM TODO PAÍS

C I N E M A ★ T E A T R O ★ R Á D I O

RC (Foco)
ano I n. 1
Jun. 1951

TONIA CARRERO

TONIA CARRERO fez sua estreia no cinema, em "Querida Suzana", justamente o filme que revelou Anselmo Duarte. Neste filme, em sua cena final, aparecem Anselmo e Tonia e demais figuras do elenco, dançando "Tico Tico no Fubá". Agora, e nos depois, voltam a se encontrar no Vera Cruz, para interpretar um filme sobre a vida e a obra de Zequinha de Abreu, o autor da conhecida melodia.

Tonia tem o curso da Escola Nacional de Educação Física. Realizou uma viagem a Europa, onde estudou arte dramática, durante um ano, num curso dirigido por Jean-Louis Barrault.

De volta ao Brasil, teve um dos melhores papéis do filme "Caminhos do Sul". Atingiu o "estrelato" em "Perdida pela Paixão". Deixou, então, temporariamente o cinema, para realizar uma temporada no Teatro Copacabana, depois repetida no Teatro de Cultura Artística, em que interpretou as peças nacionais "Um Deus dormiu lá em casa", "Amanhã, se não chover", "D. Juan", "Helena fechou a porta". Obteve, no seu primeiro ano de atuação nos palcos, a medalha de ouro da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, como a maior revelação da temporada.

Após sua atuação no palco do grande auditório da Cultura Artística, aceitou o convite da "Vera Cruz", passando a contratada permanente da companhia cinematográfica paulista.

Sua estreia na "Vera Cruz" será como "Branca", uma dançarina equestre, em "Tico Tico no Fubá", dirigida por Adolfo Celi e que será distribuída pela Universal Filmes S. A.



ANO I N.º 1
JUNHO — 1951
SÃO PAULO

A arte enriquece os sentimentos



Standard

faça sua filha
estudar música



dê-lhe um Piano

SCHWARTZMANN

o melhor som no móvel mais atraente

Construídos com todo o rigor técnico, os Pianos Schwartzmann são para toda a vida. Uma vida enriquecida pela Arte e embalada pela música. E há um Piano Schwartzmann para harmonizar-se a cada ambiente. Venha admirá-los. Demonstrações sem compromisso e planos especiais de pagamento.

EM EXPOSIÇÃO NAS LOJAS — SÃO PAULO: AV. IPIRANGA, 714 (ESQUINA 24 DE MAIO) — TEL. 34-7478 — RUA XAVIER DE TOLEDO, 272 — TEL. 34-1452 — BREVEMENTE: AV. RANGEL PESTANA, 2090 — RIO: AV. RIO BRANCO, 257-A — TEL. 32-7522



APRESENTANDO “FOCO”

FINALMENTE, depois de não pequenos esforços, conseguimos entregar ao público leitor o primeiro número de “FOCO”. E o primeiro número é sempre o mais difícil. Relativamente ao nosso programa, mais do que qualquer plataforma, aí está o material que apresentamos e que eloquentemente diz do nosso roteiro. Dentro desse espírito de ampla perspectiva é que nortearmos o nosso trabalho futuro. Mas, antes de mais nada, é bom que esclareçamos: ao cinema, ao teatro e ao rádio brasileiros dedicaremos o melhor de nossos esforços e de nossas atividades, porque mais do que o desejo de apresentar uma revista de âmbito internacional, está o nosso objetivo de refletir nestas páginas o curso da atividade nacional no cinema, no teatro e no rádio.

Isto, naturalmente, não quer dizer que deixaremos de cuidar dos acontecimentos cinematográficos, teatrais e radiofônicos de toda a parte do mundo. Nada disso. “FOCO” é, e pretende deixar patente, um reflexo das atividades artísticas, no cinema, no teatro e no rádio internacionais. E como seu objetivo é orientar e selecionar o gosto público, naturalmente terá que registrar o que se passa tanto na Itália, como na França, nos Estados Unidos ou em qualquer outro rincão do mundo. Uma pretensão muito alta e muito complexa, sem dúvida. Mas, como não temos a veleidade de obtê-la integralmente, contentar-nos-emos com o pouco que modestamente obtivermos, no apurar das contas.

“FOCO” surge, pois, no momento preciso, e quando maior era a necessidade de uma revista que fosse o espelho e o reflexo dessas artes entre nós. E é com satisfação que colocamos esta revista à disposição dos estudiosos e dos entusiastas do nosso cinema, do nosso teatro e do nosso rádio. É preciso que cerrem fileira conosco, a fim de que possamos canalizar todos os esforços nesse único objetivo que é a realidade de um cinema, de um teatro e de um rádio nacionais.

foco

REVISTA DE CINEMA ♦ TEATRO ♦ RADIO

Publicação da Indústria Gráfica Siqueira S/A. — Redação e Administração: Rua S. Francisco, 81, 6.º andar - Fone: 32-2306 - S. Paulo - Brasil — Diretor: José de Barros Martins — Diretor Responsável: Luiz Giovanini — Secretário: Cláudio S. Camargo — Coordenador Artístico: Angel Rodriguez Varela.

A Marcha do Cinema Nacional



JACANÃ, A FUTURA HOLLYWOOD DO BRASIL

“PASSAGEM PROIBIDA” — este é um dos cartazes que o visitante encontra à porta da Maristela.



“**M**ARISTELA” um marco na história da sétima arte — Uma família arrojada — Confiança e coragem — Pessoal técnico e pessoal artístico — Estrangeiros no cinema brasileiro — “Presença de Anita” já está pronto — Programa de realizações — Escritores no cinema.

TEXTO DE LAURO CARDIM

Depois de inúmeras tentativas, positivas umas, completamente inúteis outras, o cinema nacional parece encontrar seu verdadeiro caminho. Realmente, os industriais, que até então olhavam o cinema como malogradas tentativas de “aventureiros”, voltam-se interessados para a nova arte, com suas possibilidades de exploração comercial. Em consequência desta nova mentalidade surgiram, em São Paulo, duas empresas organizadas em bases verdadeiramente industriais, dispostas a explorar o cinema da maneira como é feita nos Estados Unidos, Itália, França, Inglaterra, e outros países, onde já existe uma cinematografia. Referimo-nos à “Vera Cruz”, com estúdios em São Bernardo do Campo e “Maristela”, que ergueu seu campo de ação, em Jacanã.

Mais nova do que a “Vera Cruz”, a “Maristela” surgiu em consequência da confiança de uma família de industriais, os Audrá, no futuro do nosso cinema. E dentre os membros dessa família

que se coloca entre os primeiros na conquista industrial da nova arte, sobressai Mario Audrá Junior, entusiasmado pelo cinema. Um dos primeiros passos da “Maristela”, foi organizar seu corpo de técnicos, mandando vir gente de fóra e de outros estados. Depois, escolheu o argumento de seu primeiro filme, “A Presença de Anita”, do escritor Mario Donato. Finalmente, seu “cast” de atores.

PESSOAL TÉCNICO

Para que os leitores possam conhecer os elementos técnicos de que dispõe a nova entidade cinematográfica, vamos enumerá-los, ligeiramente, no decorrer desta reportagem.

Começamos por Mario Civelli, o mais entusiasta de todos, e que ocupa no momento o cargo de diretor geral de produção. Civelli foi chefe de produção da “Psychological Warfare Branch”, do Q. G. aliado durante a guerra e ex-primeiro assistente de Alessandrini, diretor

de muito nome na Itália. Num estúdio, Civelli, que pesa mais de cem quilos, é um verdadeiro espetáculo; quando trabalha, grita, esperneia, pula, diz palavrão, chora, é malcriado. Mas sua bondade supera tudo. É um dos homens mais entusiasmados da "Maristela".

Outro homem de destaque, na "Maristela", é Ruggero Jacobbi, diretor artístico e responsável pela direção do primeiro filme. Conhecidíssimo nos meios teatrais, Jacobbi conseguiu firmar um nome de invejável reputação. Foi diretor do Teatro dos Doze, no Rio, de Procópio Ferreira, do Teatro Brasileiro de Comédia e do conjunto que até há pouco atuou no teatro Royal, desta capital. Na Itália, de onde é originário, Jacobbi dirigiu várias companhias teatrais, com Antonio Julio Bragaglia, um dos mais discutidos homens dos palcos peninsulares. Jacobbi foi diretor artístico da Seção de Documentários Artísticos do Instituto Nacional Luce, de Roma e assistente de vários diretores cinematográficos italianos. Autor de cenário, dialoguista, adaptador, Jacobbi participou em mais de quarenta filmes. É também autor de uma história do cinema, premiada e publicada pela Universidade de Roma.

A seguir, pode-se mencionar Mario Del Rio, diretor de produção, mexicano. Fez a supervisão e montagem dos filmes "Miguel Strogoff", "Os Miseráveis" e "Olhos Negros". Trabalha no cinema desde 1918. No México dirigiu "Regalo de Reis", "Dois Corações e um Tango" e "Sangue na Praia". Foi reporter cinematográfico da Fox News. Montou estúdios na Venezuela. No Brasil coope-



Os técnicos em ação!... Carla Civelli, montadora de filmes, é surpreendida pela nossa objetiva, quando atendia ao chamado de Ruggero Jacobbi, e Pagés, diretor de fotografia.

rou na feitura de "Quando a Noite Acaba" (Perdida pela Paixão, com Tonia Carrero e Orlando Vilar).

Prosseguindo na apresentação do quadro técnico da Maristela, trazemos

a conhecimento do público o nome de outro diretor de produção, Alberto Attili. Attili foi operador de Rossellini em "Homem da Cruz" e "A Volta do Piloto". No campo da produção o seu cartão de visita é "Cavalgada de Heróis", com um "cast" dos maiores atores do cinema italiano e "Assim até eu", uma das melhores comédias produzidas na Europa e estrelada por Nino Taranto.

Alberto Perialisi, diretor artístico, também do quadro técnico da empresa cinematográfica paulista, é nome já conhecido dos leitores, que por certo se lembram de seu filme "Querida Suzana", com Anselmo Duarte, no principal papel.

Mario Pagés, diretor de fotografia, e técnico de comprovada capacidade, durante dez anos ocupou cargo idêntico nos estúdios San Miguel, de Buenos Aires. No Brasil dirigiu a fotografia de "Quando a Noite Acaba". David Altshuler, diretor fotográfico e José Canizares, montador de méritos, também vieram dos estúdios da San Miguel. Canizares foi o montador de "Olhai os Lírios dos Campos", película argentina, baseada no romance homônimo de Erico Veríssimo. O chefe da "maquillage" é Ricardo Alvarez Lamas, premiado pela Academia de Artes Cinematográficas de Buenos Aires, por seu trabalho em "Guerra Gaúcha". Como técnico de som, a Maristela conta com Jacques Lesgards, francês, que participou de "Batalha dos Trilhos", filme de René Clement, e "Um Amigo Virá esta Noite". Durante a guerra, Lesgards foi correspondente do 1.º Exército Canadense, para a Rádio Nacional Francesa. Foi chefe de som da Vox Movietone durante três anos.

OS ESTUDIOS DA "MARISTELA"

A "Maristela" construiu em Jaçanã quatro estúdios: um de 33 x 15, dois de 25 x 20 x 7 e um de 15 x 22 x 7, tendo cada um deles piscina coberta. Possui, também, quatro salas de corte, auditório para gravações musicais e dublagem, sala de projeção, depósito subterrâneo de filmes, almoxarifado completo, central elétrica, oficinas mecânicas, carpintaria e marcenaria, restaurante, departamento de câmara, camarins, departamento de

Mario Civelli — o eixo "volumoso" da nova empresa cinematográfica.





Rosa Parisi, atriz, passeia a sua elegância, custodiada por "Pasqualino", um cachorro que dispensa qualquer comentário...

"maquillage". O pessoal, cerca de cento e cinquenta operários e duzentos e cinquenta atores, toma as refeições nos próprios estúdios, gratuitamente.

O AUXÍLIO OFICIAL

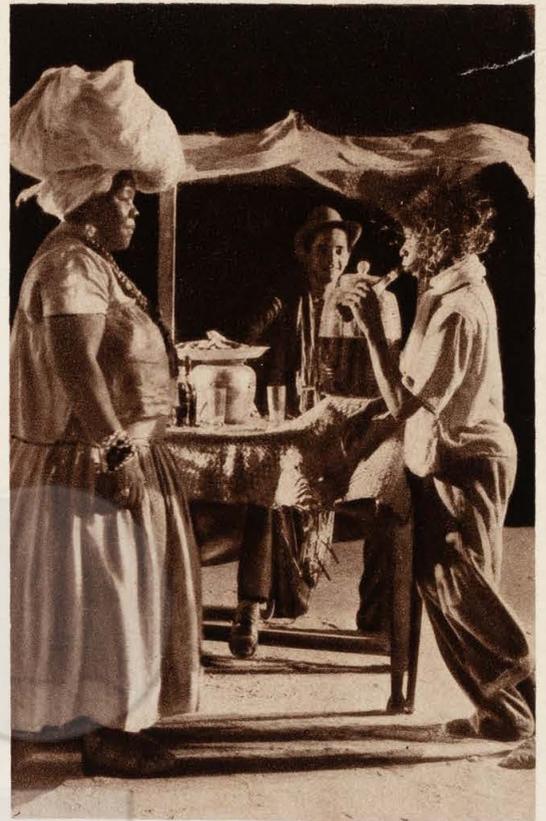
A "Maristela" tem recebido, dos poderes públicos paulistas, a mais completa contribuição. Assim, para as necessidades de filmagem, a Secretaria da Segurança colocou à disposição da empresa carros da Rádio-patrolha, ambulâncias, pessoal especializado, etc. O Serviço de Trânsito colaborou preciosamente na realização de "Presença de Anita". Pena que o presidente do Júri, prof. Soares de Melo, tenha destoado desta linha, recusando as salas de julgamento e tomando atitudes arbitrárias contra operários da empresa que foram tomar medidas exatas para a reprodução do ambiente, nos "sets" da Maristela.

PROGRAMAÇÃO

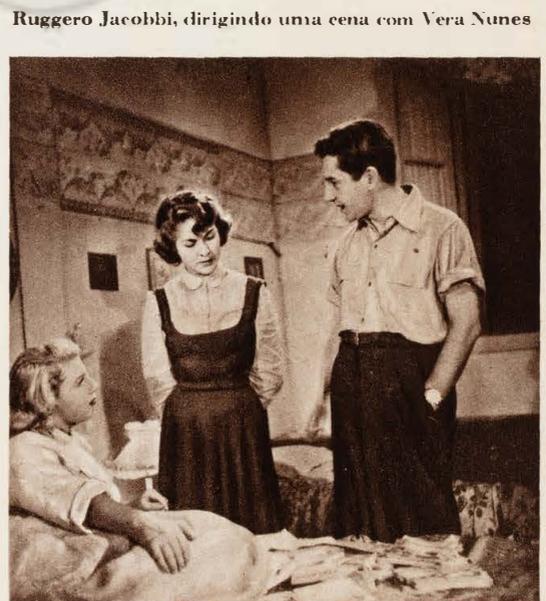
"PRESENÇA DE ANITA" está inteiramente acabado, e seu lançamento

marcado para São Paulo, num futuro imediato. Para este ano de 1951, a "Maristela" tem programados e em fase de execução, oito filmes, entre os quais "Susana e o Presidente", já em rodagem (direção de Ruggero Jacobbi, com Orlando Vilar e Vera Nunes, nos principais papéis) e "O Comprador de Fazendas", baseado num conto de Monteiro Lobato, com Procópio Ferreira e Henriette Mourineau, direção de Alberto Pieralisi. Deverão ser realizadas, ainda este ano, as películas "Ouro Verde", crítica social, desenvolvida nos meios santistas (café); dois argumentos de Vão Gogo, o esplêndido humorista de "O CRUZEIRO"; e mais um de Guilherme Figueiredo, além de "Mar Morto", do romance do mesmo nome de Jorge Amado.

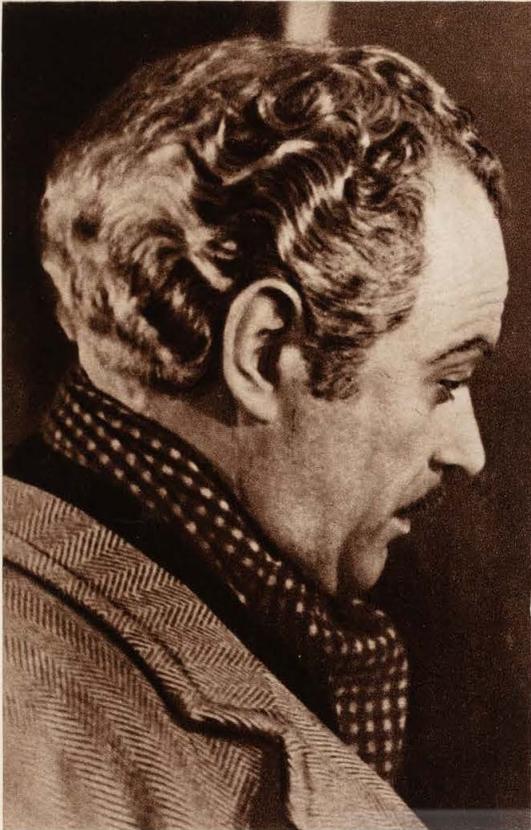
Pretende a "Maristela" lançar mão, ainda, de todos os grandes nomes da literatura nacional e universal. Formar uma verdadeira escola de cinema entre nós, desenvolvendo vocações, aperfeiçoando conhecimentos, preparando técnicos brasileiros, criando uma verdadeira mentalidade cinematográfica.



Uma cena do Teatro Folclórico Brasileiro, num filme documentário da Maristela.



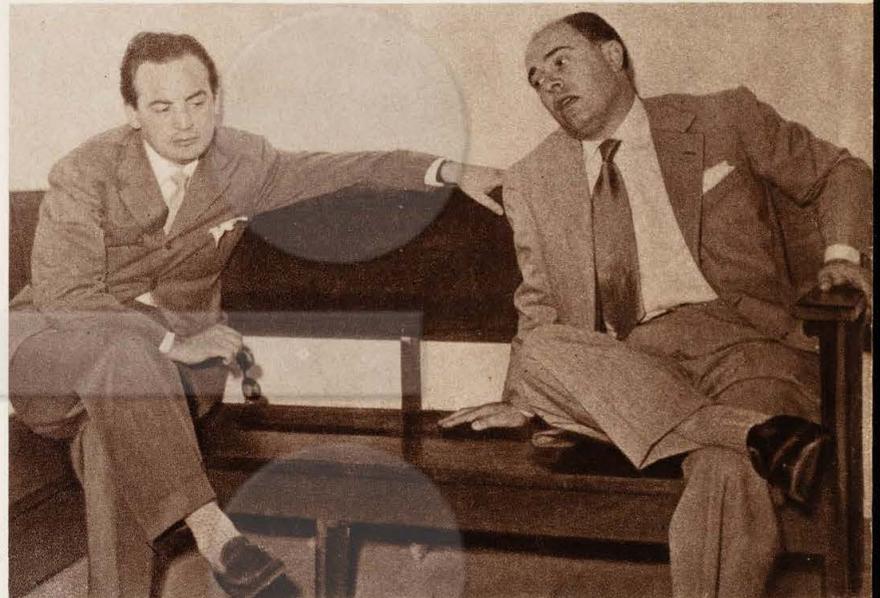
Ruggero Jacobbi, dirigindo uma cena com Vera Nunes



Guido Lazzarini, um dos atores de "Presença de Anita".



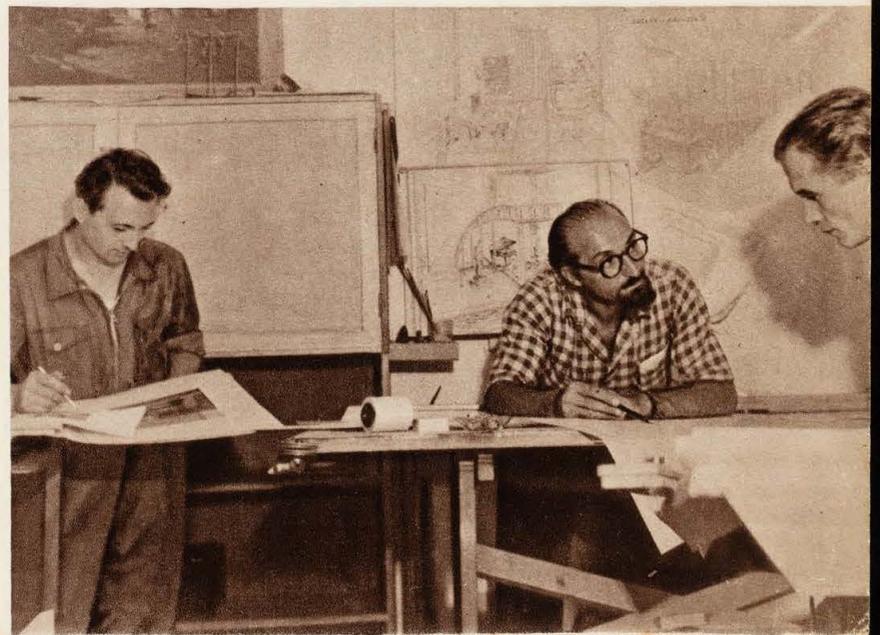
Silvana Mangano, quando de sua visita a Jaçanã, entre uma amiga e o sr. Mario Audrá. Na fotografia, à esquerda, o famoso "camera" Aldo Tonti (O BANDIDO). Mario Civelli, risonho, e Carlo Porti.



Agostinho De Laurentiis, esposo de Silvana Mangano, meio chateado, deixa-se fotografar, ao lado do Carlo Ponti, produtor de seus filmes.



A louríssima Leila Parisi, irmã de Rosã, outra das "boas" descobertas dos estudios de Jaçanã.



Na sala de cenarização... Os técnicos em pleno trabalho...



"Film and Reality" — Grierson define o diretor anglo-brasileiro — Documentários, as páginas verdadeiras da história do cinema.

N. R. - Alberto Cavalcanti ocupa, atualmente, o noticiário dos jornais brasileiros. O seu afastamento da Vera Cruz deu oportunidade aos mais variados comentários: justos uns, exagerados outros. Com a publicação deste artigo não pretendemos tomar este ou aquele partido, mas tão somente reproduzir o conceito que desfruta Cavalcanti na Europa. Este artigo é de autoria de Fernando Giammatteo, conhecido crítico cinematográfico italiano, colaborador de "Simpário", "Cinema" e "Bianco e Nero".

A história do Cinema num filme de Cavalcanti

A história do cinema — parece claro, —, deveria ser, antes de mais nada, visual, contada através de seqüências de filmes. Mas, na realidade, tal coisa não acontece. O que se vê são massudas histórias cinematográficas, capazes apenas de interessar críticos e estudiosos, mas não despertando o público — esse público que é, na verdade, o contacto diário e imediato com a própria vida do filme. Por isso, a iniciativa de Alberto Cavalcanti tem caráter excepcional e dificilmente se repetirá.

Uma história do cinema poderia ser útil e interessante apenas com o método do diretor anglo-brasileiro. Poderia se colocar à frente de todos, porque cada espectador encontraria, habilmente dispostas, aquela história e aquela evolução que ele próprio assistiu por longos anos. Dessa forma se sentiria mais ligado ao cinema, sem ser obrigado a ler coisas que lhe são incompreensíveis. As exigências de uma geral, ou pelo menos mais ampla compreensão de parte do público, não deveriam ser descuidadas,

como o são atualmente. E isto seria um bom meio de difusão da cultura cinematográfica.

Cavalcanti realizou a história "pensada" do documentário. A National Film Library forneceu-lhe o riquíssimo material da película. O diretor ordenou-o, inteligentemente, num filme antológico, "Film And Reality", exibido há dois anos, mais ou menos, na mostra cinematográfica de Veneza, e presentemente correndo a estrada dos cine-clubes. "Film and Reality" tem uma hora e três quartos, mais ou menos, de projeção.

Uma advertência posta no início do filme, esclarece o espectador de que extratos de 58 filmes foram reunidos para ilustrar a evolução do filme realístico, desde os primeiros dias do cinema até o início da segunda grande guerra. Sua ordem não é estritamente cronológica. Em muitos momentos, obras semelhantes pelo estilo e pela matéria, são apresentadas lado a lado, embora tenham sido feitas em épocas bastante diferentes. Trata-se de um supremo refinamento cinematográfico, para o qual a montagem, que permite a aproximação de fatos sem qualquer relação entre si, é colocada a serviço não mais da arte, mas da crítica e da história.

O principal objetivo de "Film And Reality" é responder a duas perguntas que são, de per si, motivo de geral curiosidade: Que coisas viu o cinema, no seu primeiro meio século de existência? E como as viu?

O espetáculo cinematográfico nasceu de uma sempre mais completa — e portanto, mais variada e mutável resposta a essas perguntas. Morey, em 1887, estudou o movimento dos animais

e o reproduziu, quase que por brincadeira. Em 1895, os irmãos Lumière entraram na "Estação de Lyon", e viram com o "olho da camera", a chegada de um trem. Um fato comum: uma crônica. Mais tarde o fato é construído. Foi preparado um entrecho, desenvolvida uma ação, com princípio e fim, e um vago pressentimento do drama. Por exemplo: "A Vida de Charles Paecce", do inglês Mottershaw, e "O Assalto do Trem", do americano Porter. Posteriormente, o cinema que não sabia nada de si próprio e das suas possibilidades criadoras, vê a realidade carregada com tintas fortes, onde o gesto exagerado substituirá a palavra. "O ASSASSINATO DO DUQUE DE GUISE", do francês Barye.

"Film And Reality" continua, assim, seguindo o giro da "camera", pelo mundo à fora, à procura da crônica mais variada, nos mais diversos países. Aprende-se a conhecer terras estranhas e longínquas e os fatos ignorados da vida na qual nos encontramos. E ao mesmo tempo vai se aclarando, graças ao mérito dos cineastas mais corajosos, aquele puríssimo filão narrativo que é o documentário, sobre os países exóticos: "NANOOK", "MOANA", "O HOMEM DE AARAN", "CANÇÃO DE CEILÃO", etc. Mas isto não basta. A realidade deve ser completada e ter um significado. Deve ocupar-se do homem da qual é plasmada. O contacto ou o contraste entre realidade e homem é já um problema social. O cinema continua sua estrada. "Rien Que les Heures", "Berlin", "A Linha Geral", "Housing Problems", são as etapas principais do novo caminho.

O filme termina com um capítulo polêmico. "Hoje — explica o comentarista — o filme teatral mantém um lugar proeminente no cinema de todos os países, mas não sofreu transformações fundamentais desde "O Assassinato do Duque de Guise". A técnica se desenvolveu, procurando representar a realidade. E como o material posto à disposição de quem faz um filme não é o "truque" ou a "cenografia", mas a "fotografia" e o "registro de som", o melhor trabalho foi desenvolvido pelos que não haviam esquecido daquilo que os pioneiros jamais duvidaram: que a essência do cinema está em poder representar a realidade."

Duas seqüências excelentes escolheu o diretor para demonstrar sua tese: "The Old Manor", de Stiller (a fuga da rena) e a revolta dos marinheiros do "Potemkin", do filme de Eisenstein. A estes e outros trechos, nos quais a realidade domina, Cavalcanti contrapôs outras seqüências, construídas com o artifício cenográfico e a falsificação teatral.

Depois desta profissão de fé no documentário de parte de um dos do-



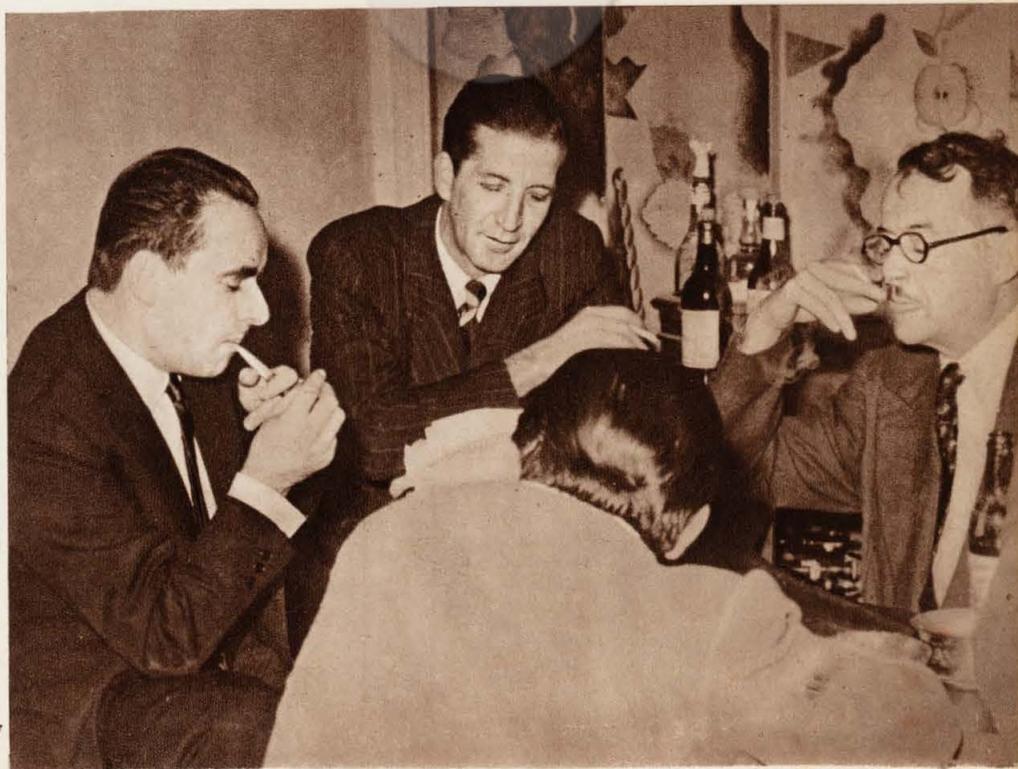
Cavalcanti mostra ao crítico do "Correio da Manhã", do Rio, Monniz Vianna, uma seqüência do filme "Caçáara," então em plena filmagem.

documentaristas mais conhecidos, causa estranho efeito vêr que Cavalcanti, passou à dependência da Ealing Studios, inglesa, para a qual realizou, entre outros, "The Adventures of Nicholas Nickleby" e "Compagnie Charlie", filmes que nada têm com a realidade como êle a compreendia. Mas a coerência talvez não seja própria dos homens e muito menos dos artistas. E provavelmente tinha razão Grierson quando definia Cavalcanti um "esteta", apaixonado mais pela forma do que pela substância humana e social das próprias obras. "Dos estetas, como

Cavalcanti (e como Flaherty) — acrescenta Grierson —, os documentaristas devem se resguardar, como de seus piores inimigos. Estimá-los e admirá-los, sim; aprender deles a técnica e o movimento cinematográfico, também; mas seguí-los, jamais!"

"Film and Reality", lucida demonstração da vitalidade do cinema realístico poderá, porém, redimir as culpas de Cavalcanti, e perdô-lo das ásperas acusações de seus antigos "companheiros de caminho".

Cavalcanti ao lado de Clouzot, vendo-se ao centro Gustavo Nonnenberg, no Nick Bar, durante a visita do diretor de "Manon", ao nosso país.





BLOTA JUNIOR: Escola do Rádio.

EM geral, aqueles que ocupam um cargo elevado dentro de uma estação de rádio, são pessoas "bem intencionadas". Pode-se até dizer que de boa intenção o rádio está cheio. Mas apesar de todo esse depósito de bons pensamentos, os redatores e produtores raramente podem fazer aquilo que mais ardentemente desejam. Entre parêntesis: Os redatores e produtores, são os homens que costumam ter idéias (péssimo hábito!), que criam, escrevem e levam ao ar um programa, dando vida e movimento ao sem-fio.

Cada produtor tem um cemitério dentro da alma. Um cemitério de sonhos, onde estão sepultadas as suas mais legítimas aspirações. Quase tudo o que nasce marcado pela sua personalidade, experiência, amor, sofrimento e tortura, é sepultado na sepultura rasa desse cemitério. — Mas por que isso? — perguntará o leitor menos familiarizado com o assunto. A resposta é simples. O rádio é indústria e comércio como outro qualquer. Você quer saber quanto custa uma estação de rádio das que temos em S. Paulo? De dez a trinta milhões de cruzeiros. A folha de pagamento de uma emissora vai de 200 a 300 mil cruzeiros, o material é caríssimo, a conservação dispendiosa, etc. E tudo isso exige um faturamento de publicidade elevado, um esforço muito grande de todo o pessoal de um departamento de programação que se perde no mais desastrado ligeirismo e numa dispersão quase suicida.

Quem está fora do rádio costuma falar mal da linguagem dos locutores, de seus declives gramaticais e a pronúncia errada de algumas palavras. Mas poucos sabem que os locutores têm um tempo determinado para ler um mínimo texto de publicidade, não podem voltar atrás e corrigir-se de improviso. Por sua vez o redator que escreveu o roteiro, faz esse trabalho todos os dias numa lida que nunca tem fim, semelhante à das donas de casa. Isso no meio de um capítulo de novela, um programa montado e um ensaio.

Uma estação de rádio, é, antes de tudo, uma casa comercial onde entra dinheiro em troca de espaço de tempo. E nesse espaço de tempo se diz, em geral, o que convém aos anunciantes e não o que os redatores cultos e de sensibilidade mais avantajada desejam fazer. Essa a raiz do problema. Quando não há patrocinadores para um programa dispendioso, de custo elevado,

Qual o Programa de Rádio

trabalhoso e de importância acima do comum, esse programa não vai para o ar.

No intuito de esclarecer esse aspecto do rádio, fizemos uma enquete entre 6 dos maiores e mais conhecidos produtores de S. Paulo: Oswaldo Moles, Walter George Durst, Blota Junior, Tulio de Lemos, Cardoso Silva e Waldir Wey.

APENAS TRES PERGUNTAS

Dirigimos apenas três perguntas aos seis "biggs" de nosso rádio: 1) Qual o programa de rádio que você gostaria de fazer? 2) Quais as principais dificuldades que encontrou até agora para realizá-lo? 3) Acha que no futuro poderá fazer esse programa?

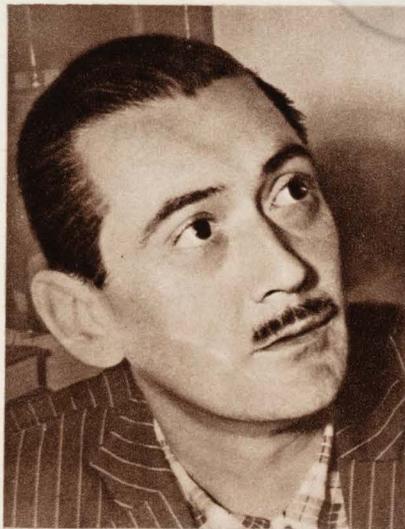
WALTER GEORGE DURST E O "DICIONÁRIO DE MENTIRAS"

O primeiro entrevistado foi Walter George Durst, da Tupi-Difusora, produtor inteligente que há pouco tempo nos deu a série "Seu Marido Vale Mais." Durst está longe de ser um menino de bons modos. Sua linguagem, tanto na crítica cinematográfica que exerce em dois jornais da Capital, como no rádio, é viva e direta, onde o adjetivo tem uma função apenas esclarecedora dentro da frase. É o tipo do intelectual que escreve não apenas porque sabe escrever, mas porque tem alguma coisa para dizer a seus leitores. Era natural que esperássemos dele uma resposta como esta:

— O programa que eu gostaria de fazer intitula-se "Dicionário da Mentira". Teria o objetivo principal de fazer uma revisão geral nas palavras do dicionário, de A a Z. Algumas palavras como Felicidade, Justiça, Verdade, Economia, dariam um programa inteiro de meia hora. Você já pensou quanta mentira e ilusão há nessas palavras? Pois bem, procuraríamos destruir tudo aquilo que há de formal, convencional e moralmente rançoso em certos conceitos que passam de geração em geração e que aceitamos de olhos fechados, como verdades líquidas.

Durst tomou fôlego e continuou:

— Aqui está a resposta para a sua segunda pergunta: Um programa como esse não encontraria patrocinador com facilidade. Não é o tipo de programa que se presta para vender sabonete, vinho ou roupas brancas. Se acho que poderia realizá-lo no futuro? Tudo depende do tamanho do futuro. Num futuro grande, talvez.



CARDOSO SILVA: Show para Milhões.

Falam à reportagem de FOCO seis dos maiores produtores de São Paulo. — Cada produtor de

Enquete de CARLOS DE FREITAS

TULIO DE LEMOS FOI CONCISO

Entrevistamos o autor de "Honra ao Mérito" num dia em que ele estava de poucas palavras. Depois de tomar conhecimento de nossas perguntas sentou à máquina e nos entregou as três respostas, limpinhas, à maneira de "Honra ao Mérito", como estão abaixo:

- 1 — Gostaria de fazer um programa violentamente relacionado com as muitas misérias e as poucas riquezas da minha terra.
- 2 — Falta de aceitação por parte dos patrocinadores e — porque não o dizer? — falta de suficientes conhecimentos sociológicos da minha parte, prejuízo que poderá conduzir os programas pelo mau caminho da demagogia.
- 3 — Acho que, apesar de tudo, poderei realizá-lo no dia em que as verdades puderem ser ditas em minha terra. Sou otimista quanto ao futuro.

MOLES, UM DEMONIO SEM MALDADE

Oswaldo Moles é hoje um homem que se apresenta sem adjetivos. Basta dizer, o Moles de "Nossa Cidade" e "Universidade Record" e todos já sabem que se trata do velho lobo do rádio, que tem produzido dezenas de novelas, shows e programas montados, que agradam sempre. Moles é um demônio sem maldade que não tem medo de se lançar ao mar alto das idéias. Sonha apresentar no rádio Portinari, Diego de Ribera, Picasso e outros malucos que nós os desmiolados rapazes de após guerra adoramos. Quer fazer na Bandeirantes a Semana da Arte Moderna, acredita que os escritores dão certo no rádio, com o concurso de radialistas. "É louco," — dirão



TULIO: "Um programa violento".

que Você Gostaria de Fazer?

Rádio tem um cemitério dentro da alma. — O Rádio é comércio como outro qualquer.

Fotos de PIROZELLI

os cidadãos utilitários desta praça. Não, não é louco, eu lhes garanto! Moles é um demônio. Um demônio sem maldade.

Eis aqui as suas respostas:

— Qual o programa de rádio que você gostaria de fazer? — Desejaria me aliar aos jornalistas e intelectuais do Brasil para que, juntos, descobríssemos fórmulas radiofônicas que permitissem colocar ao alcance de todo o público desde a história da literatura brasileira até uma espécie de "viagens" com vários turistas letrados percorrendo o mundo e mandando suas impressões gravadas para uma radiofonização completa. Assim, teríamos, no capítulo da equipe de escritores, uma solução para a cultura. E no capítulo das viagens, apresentar novos panoramas aos ouvintes. De resto, gostaria de fazer programas de movimento, de ação, em que a reportagem e o radiofonizador se confundissem e se completassem num mesmo objetivo: — esclarecer, informar e divertir o público. Também programas em que aliássemos o rádio aos cientistas, dando conselhos, demonstrando e esclarecendo.

— Quais as principais dificuldades que encontrou até agora para realizar esses programas?

— É que o rádio se encaminhou no sentido folhetinesco — quer na parte dramática, quer na cômica. Não foi o público que exigiu essa escola. Foi o rádio que, em lugar de servir um banquete aos ouvintes, resolveu oferecer pequenos sanduíches cotidianos. Tanto o anunciante como o público desejam "facilidade de compreensão" na linguagem que o rádio fala. Sem dúvida, está certo. Entretanto, não precisamos sempre malhar o mesmo assunto, o mesmo tema, o mesmo terre-a-terre diário. Poderíamos viajar. E viajar num escafiandro ou num "Constellation". O fato é que agora o rádio poderá fazer muito mais do que fez até à presente data. É que a atenção

do intelectual está sendo chamada para o rádio.

— Acha que no futuro poderá realizar alguns desses programas?

— Sim, aqui na Bandeirantes faremos alguns deles. A Bandeirantes é uma estação que se está renovando. Todos os seus artistas e escritores pertencem à ala do rádio moderno, do rádio moço. Com esta equipe e mais os complementos de que ela vai ser enriquecida, poderemos fazer bons programas, que honrem a classe radiofônica.

CARDOSO SILVA E O "SHOW PARA MILHÕES"

O consagrado novelista radiofônico Cardoso Silva, que esteve algum tempo fora do rádio e volta agora com a novela em "Violino na Penúmbra", que está sendo irradiada na S. Paulo, respondeu nossas perguntas nestas palavras:

— Sonho apresentar algo com um pomposo título assim: "Show para Milhões" (título original de Chianca de Garcia que me foi concedido por uma benevolência de amigo). Esse programa ainda não foi apresentado. Injunções comerciais-artísticas impediram, até hoje, sua realização. Espero, ainda, num futuro próximo, retornando ao rádio, apresentar pela minha emissora o sonhado "Show para Milhões".

Os "milhões" a que me refiro são os "doentes", longe do meu mundo sadio. Será — por primeira vez — a efetivação de um programa feito por gente-de-saúde, exclusivamente para deliciar e entreter aqueles que, por qualquer moléstia, deixaram o nosso convívio e hoje são reclusos em sanatórios ou hospitais. "Show para milhões", sintetiza minha maior ambição de homem-de-rádio e, se realizado, estará fazendo com que a ventura de um profissional deixe de ser desejo para ser uma alegria, uma satisfação.

WALDIR WEY, O VINGADOR E SEU CAVALO BLACK

Nosso quinto entrevistado é o produtor do famoso programa de aventuras "O Vingador", aquele que "defendia os fracos contra os fortes". O Vingador foi a coqueluche dos garotos há cinco anos. Depois Waldir andou em voltas com Tarzan e



MOLES: Portinari no rádio...

outros heróis juvenis, mas acabou dando com os costados na Excelsior, onde já está de malas prontas. Para onde vai? Desta vez foi o cinema que o tentou.

— Então Waldir, qual é o programa que você gostaria de fazer?

Mal fizemos a pergunta e Waldir saltou logo, naquela rapidez característica do cavalo Black:

— Um musical. Coisa aparentemente simples e rotineira, mas para o qual eu fosse buscar "gente nova", não desses novos encanecidos nos programas de calouros, mas desconhecidos de todos os recantos do país, desde a sambista-lavadeira que alegre as manhãs do Rio Santa Maria, lá em Rosário do Sul, ao tenor que faz dueto com o malho nas oficinas de S. Paulo, ou a comerciária sonhadora que canta o bolero da moda nos escritórios de Silva, Silva & Cia., no Rio (se é que existe essa firma). E mais: iríamos valorizar também os músicos, tornando familiar aos ouvidos do público o nome do sax-alto da orquestra X, ou o solista de guitarra do Conjunto Y. Um programa em suma, que descobrisse em todo o Brasil músicos, cantores, humoristas, dirigentes de conjuntos, compositores, etc.

Está aí o que sempre desejei fazer no rádio. Mas onde está o anunciante para uma produção dessas? É preciso dinheiro, entusiasmo e organização; por isso, acho que ele ainda será apenas desejo por muito tempo.

BLOTA

Blota Junior, da Record, apresentou os mesmos motivos já expostos, nas respostas que deu à segunda e terceira perguntas. Pôs em foco a velha história do anunciante e disse umas palavras sobre o futuro. Mas qual o programa que Blota deseja fazer no rádio? Eis a sua resposta:

O programa que se chamaria Escola Brasileira do Rádio. Aulas, sim. De segunda a sexta, para garantir o meu burguesíssimo "week-end". Meia hora por dia: Português, História da Civilização, Literatura, Geografia (política, econômica), e Ciências. Meia hora na melhor hora, naquela hora em que é possível prender ao receptor um homem que precisaria esquecer seus problemas, suas lutas, os fracassos e os recuos das suas pequenas esperanças cotidianas. E perguntas. E temas. Muitas perguntas para serem respondidas, com prêmios sim. Há tanto concurso com milhares de cartas por semana, que até este o ouvinte enguliria...

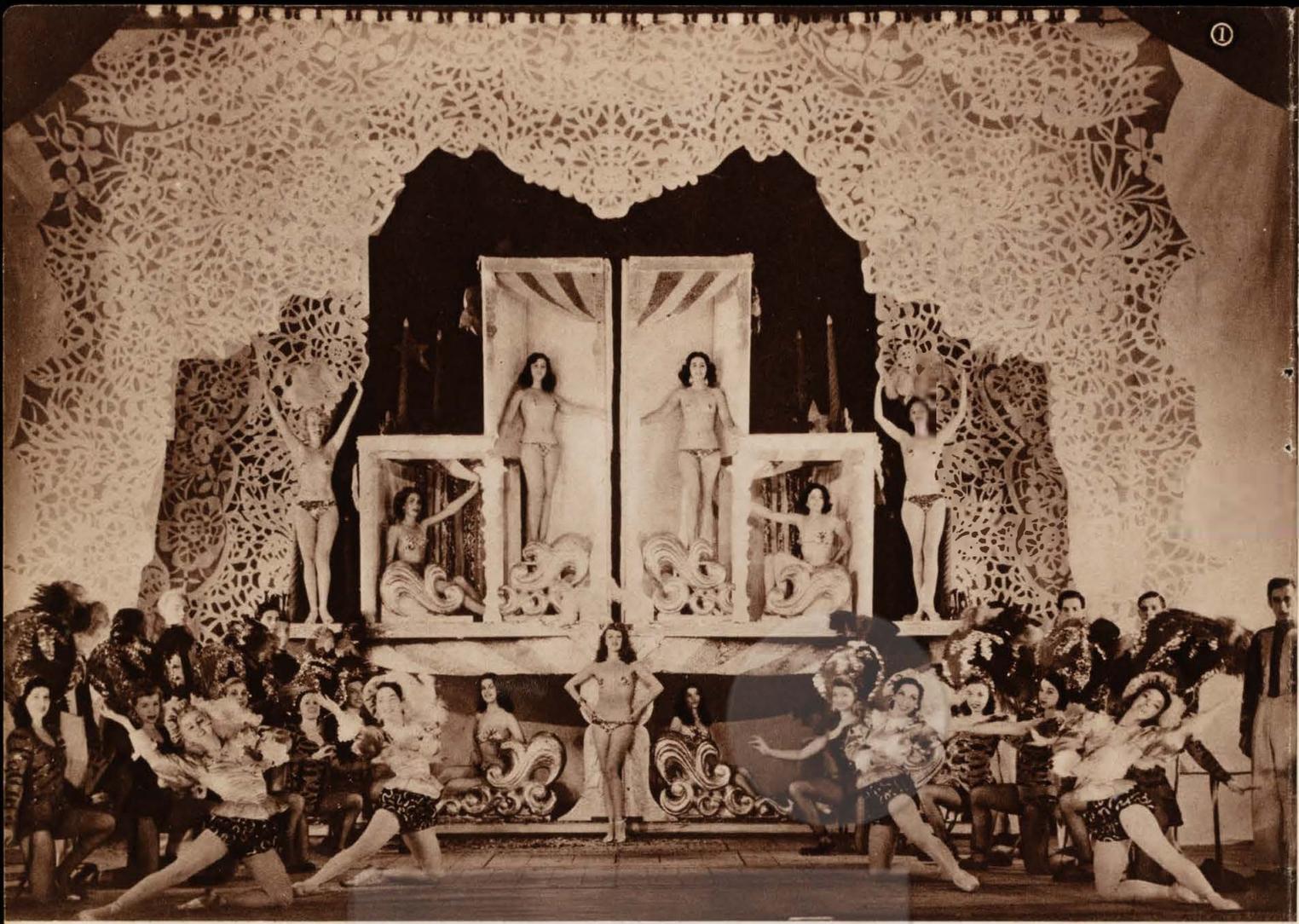
Com a resposta de Blota Junior encerramos esta enquete. As conclusões ficam por conta do leitor.



WALDIR WEY: Um musical diferente.



DURST: Dicionário da Mentira.



“MUIÉ MACHO, SIM SINHÔ”

Depois de ter sido aclamada pela Associação dos Críticos Teatrais como a melhor revista de 1950, e depois de seu espetacular êxito junto ao público carioca, “Muié Macho, sim Sinhô”, foi apresentada aos paulistas, na sala vermelha do cine Odeon. A nova peça da Companhia Walter Pinto constitui, sem dúvida, um dos pontos altos atingidos pelo nosso teatro de revista, e o prêmio que lhe foi conferido cabe-lhe por “direito de conquista”. Há em “Muié Macho, sim Sinhô” bom gosto, bons bailes, bons esquetes, boas cortinas e, principalmente, boas piadas e boa parte cômica. Alguns quadros, como “Bolo Real” e “Bolo de Aniversário”, sem falar em “Espantalho” são realizados com um rigor luxuoso fora do comum. Guarda-roupa à altura, sem espírito de economia, sem exageros ridículos e com bastante equilíbrio nas cores e nas confecções.

Virginia Lane, a principal estrela da revista, firma-se como uma das melhores “vedettes” do nosso teatro. Graça, desenvoltura, desembaraço, vivacidade e elegância, superam qualquer deficiência da linda atriz, que sabe se aproveitar destas qualidades para realçar as suas interpretações. A parte cômica muito bem defendida por Oscarito, Grande Otelo, Pedro Dias e Manoel Vieira. Outro fator de êxito é o corpo de bailarinas, entre as quais se destacam Juliana Yanakiewa, do Ballet Russo, e Marina, que à graça rítmica de seu corpo, une a elegância e o rigor de suas interpretações. Deve-se mencionar, ainda, o corpo de “girls”, composto de lindas mulheres.

“FOCO” reproduz em suas páginas algumas fotografias de “Muié Ma-

cho, sim Sinhô”: 1) Cena do quadro “Bolo de Aniversário”; 2) Marina, bailarina de grande sensibilidade; 3) Virginia Lane e Oscarito, durante um ensaio; 4) Novamente Virginia Lane, a grande “estrela” da revista; 5) Cena do quadro “Bolo Real”; 6) Oscarito, o grande cômico nacional; 7) Juliana Yanakiewa, bailarina, que pertenceu ao Ballet Russo; 8) Regina, uma das lindas “girls” da Companhia Walter Pinto; 9) Helena, outra “girl”, que dispensa comentário; 10) Alicia, modelo... E que modelo! 11) Cena do quadro “Espantalho”.





5



6



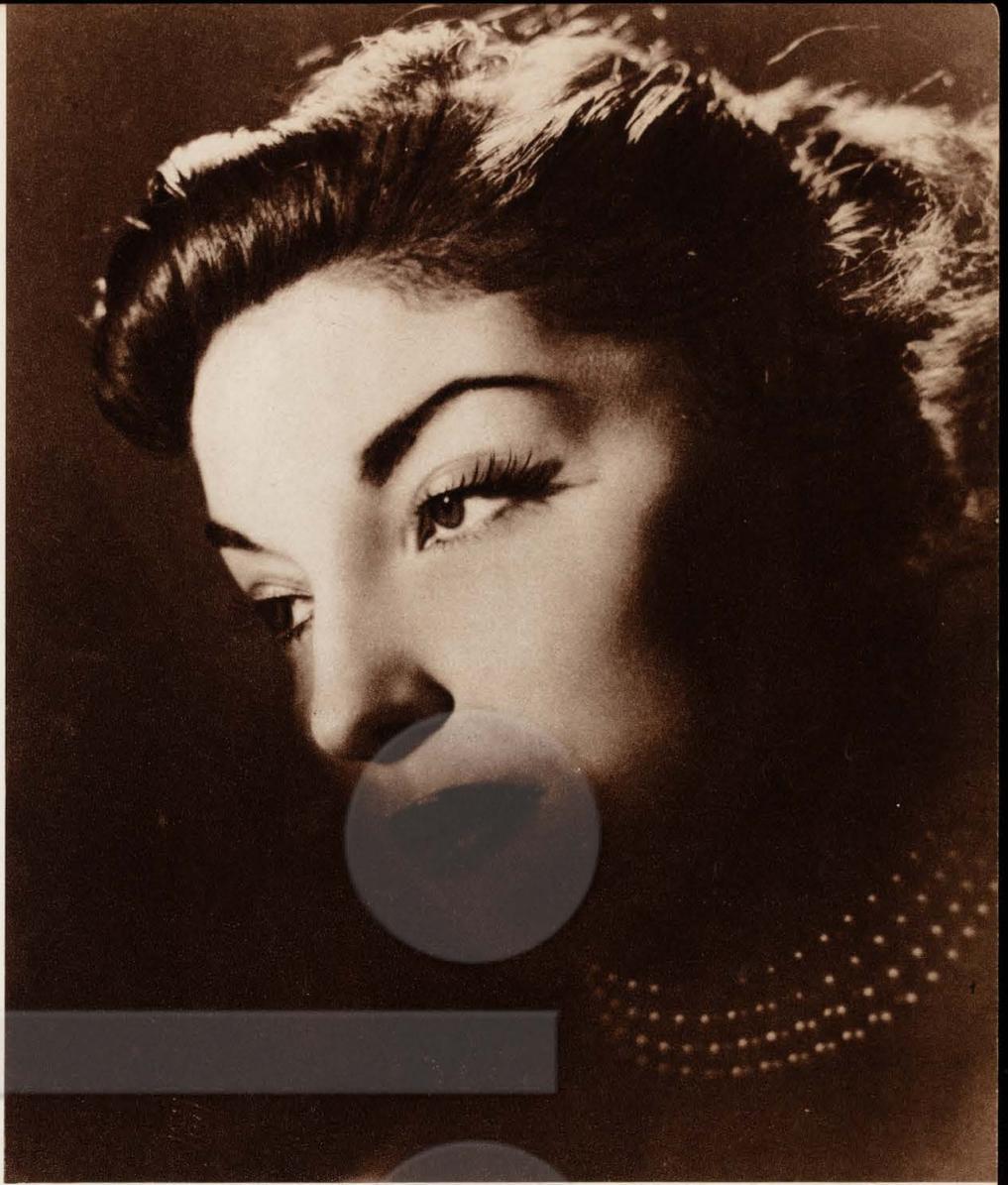
7



8



10



11



Marcelle Derrien, estrela de "O Silêncio é de Ouro".



Nicole Coussel, estrela do filme: "Paixão Abrasadora".

ATORES DO CINEMA FRANCÊS VISITAM NOSSA CIDADE

Gerard Phillippe, um dos maiores atores da nova geração européia, manifesta-se entusiasmado com o Festival Cinematográfico do Uruguai.

ATORES franceses que participaram do Festival Cinematográfico de Punta Del Este, no Uruguai, de regresso à França, visitaram São Paulo, a convite da Maristela Cinematográfica. Entre outras manifestações de simpatia, foi oferecido aos famosos visitantes um "churrasco", realizado nos esplêndidos estúdios de Jaçanã.

Além dos atôres Marcelle Derrien, protagonista de "O Silêncio é de Ouro", Gerard Phillippe, de "O Idiota", "A Adultera" e "A Beleza do Diabo", (êste último ainda inédito em nosso país), Nicole Coussel, de "Paixão Abrasadora" e "Maria du Port", de Michelle Phillippe, de "Le Voleur se porte bien", Renée Cosima, de "Vítimas do Destino" (Camila); dos represen-

tantes do govêrno francês, — srs. Amaury Lennard, delegado para o Festival do Uruguai, cel. Albert Buchelet, adido militar à Embaixada Francesa e Michel Simon, adido cultural, estiveram presentes ao "churrasco" da Maristela Cinematográfica altas autoridades civís e militares, elementos de projeção em nossos meios sociais, críticos cinematográficos, jornalistas, radialistas e atores do cinema e do teatro brasileiros.

Apesar de terem sido todos os atores alvo das mais expressivas manifestações de simpatia, coube a Gerard Phillippe as glórias do dia. Cotado na Europa como um dos melhores atores da moderna geração francesa, Gerard Phillippe impôs-se ao público de todos os quadrantes da



Renée Cosima, interprete de "Vítimas do Destino".



Michelle Phillippe, de "Le Voleur se Porte Bien".

terra, por sua consciência profissional e pela sobriedade e inteligência de suas interpretações. E agora, que o conhecemos pessoalmente, podemos afirmar que, a essas qualidades, alia Gerard Phillippe uma bela cultura e uma vivacidade de espírito que o levou a responder a tódas as perguntas — e foram muitas — feitas por jornalistas e radialistas. Nem sempre as perguntas se mantiveram no terreno do cinema. Contudo, o jovem ator — Gerard Phillippe conta apenas 28 anos — a tódas respondeu firmemente, com clareza e objetividade.

Depois de aludir ao festival cinematográfico de Pun-

ta Del Este, ao êxito dos filmes brasileiros e à graça de Tonia Carrero, que reputou uma das atrizes mais interessantes da aludida mostra, respondendo à pergunta de um dos jornalistas pre-

sentes, sôbre a razão porque existiam na Itália mais filmes do que na França, pondo em tela problemas sociais, disse Gerard :

— Porque os italianos se interessam muito mais pelo



Aldo Calvo, cenarista e Ruggero Jacobbi, diretor, ambos elementos de destaque da Maristela Cinematográfica.

seu próximo do que os franceses.

E a respeito da paz, da qual é um dos mais ardentes partidários, declarou o jovem ator :

— Estamos lutando e continuaremos a lutar pela paz. Infelizmente, porém, a guerra virá, e virá por estupidez e imbecilidade dos homens.

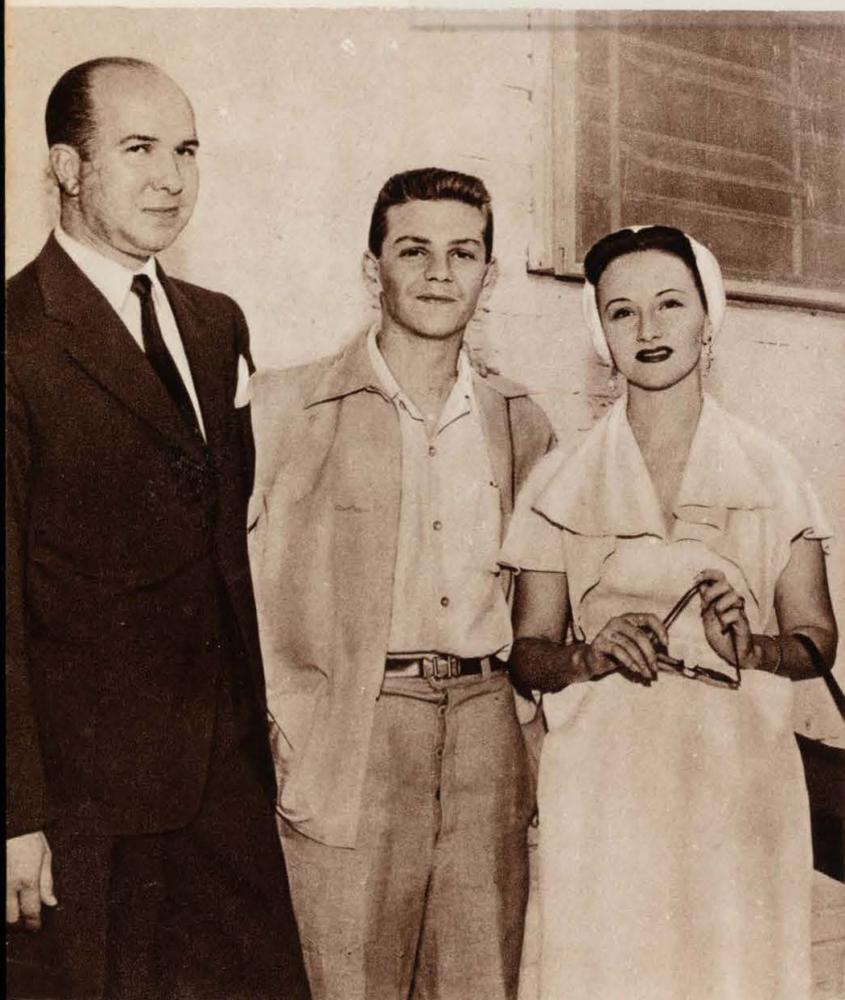
E a propósito do papel que gostaria de representar no cinema, disse o galã de "A Adultera".

— Qualquer um, contanto que seja dirigido por um bom diretor.

A característica predominante dos atores franceses é a simplicidade, a cordialidade e a simpatia. E sem dúvida estas qualidades foram postas muitas vêzes à prova, durante a estada dos atores nos estúdios da Maristela.



Gerard Phillippe, quando falava ao redator da Radio Excelsior.



Mario Lugones, diretor argentino, e Amelita Vargas, atriz do cinema argentino.

Ortiz Monteiro, crítico de cinema, ao lado da estrela de "A Carne", Meira Ladeira.

"CASAR, FUGIR OU MORRER"

Depois do êxito de "Helena Fechou a Porta", de Accioly Neto, o conjunto de Fernando de Barros apresentou, no grande auditório do Cultura Artística, "Casar, Fugir ou Morrer", original de R. Magalhães Junior, dirigido por Armando Couto, com Vera Nunes, Ludy Veloso, Luiz Linhares e Jaime Barcelos, nos papéis da peça.

A peça é, num sentido geral, deliciosa sátira, na qual há momentos de boa comédia, de finura e de gosto, que revelam o espírito arguto e sutil de R. Magalhães Junior, autor que ocupa, merecidamente, lugar de relevo em nossa história teatral. A direção de Armando Couto está boa e a marcação segura, mostrando ao público, num espetáculo variado e bem jogado, as possibilidades do jovem diretor. Com referência à interpretação, no geral boa. Vera Nunes que, com a saída de Tonia Carrero, ocupa o primeiro posto feminino no conjunto de Fernando de Barros, deu à figura de "Nina" uma objetividade que mostra o seu progresso na difícil arte de representar. Ludy Veloso é outro talento feminino que está se espalhando e poderá alcançar, em breve, com chance, um posto de relevo. Luiz Linhares, sóbrio como sempre e agradando. Finalmente, Jaime Barcelos que, em papéis caricatos, é, sem dúvida, uma das maiores revelações do nosso teatro.

As fotografias que ilustram esta pequena nota dão uma idéia da peça, da montagem, dos cenários de Antonio Galdi e da marcação.



MARIA FELIX

mente impressionou o público e a crítica. E imediatamente outros filmes se sucederam. "A Mulher sem Alma", "Amok", "Vertigen", "A Mulher de Todos", "A Devoradora", "Que Deus me Perdoe", "Moclavia", pelécula premiada no festival de cinema de Veneza, "Enamorada", "Dominadora de Homens" (de um romance de Romulo Gallegos - "Dona Barbara") e "Rio Escondido". A atriz terminou há pouco "Soledade", "Maria Bonita" e "A Mulher Demônio".

Possuidora de uma fotogenia privilegiada, Maria Felix se impôs no cinema como uma das figuras mais expressivas. E a "camera" tem dado ao mundo, nbs mais rigorosos detalhes, o que é a beleza dessa morena mexicana, que traz o mundo embeaçado. Bastam estas páginas para demonstrar, eloquentemente, o que afirmamos neste ligeiro comentário.



QUEM assistiu "A Mulher de Todos", "Dominadora de Homens", "Enamorada" e, mais recentemente, "A Malquerida", por certo não terá esquecido a linda heroína, essa beleza morena e plástica, com um rosto de anjo, emoldurado por cabelos longos e negros, negros como as noites sem lua e sem estrelas, e a boca rasgada e sensual, enfeitada por duas fileiras de dentes brancos e admiráveis.

Maria Felix não é apenas a mulher mais bonita do cinema mexicano, mas uma das mais bonitas mulheres do mundo!

E foi isto que o cinema mexicano sentiu, através de seus principais diretores, que ofereceram à linda Maria a possibilidade de se elevar à altura de uma das primeiras estrelas do cinema azteca.

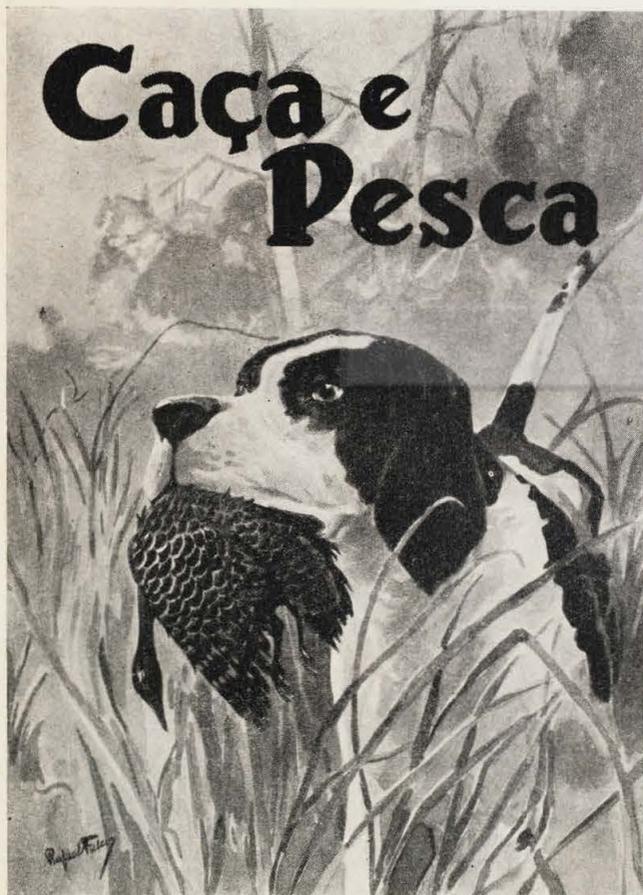
Maria Felix surgiu no cinema em "Maria Eugenia". O filme imediata-



CARTAZ

SILVIO CALDAS

Silvio Caldas é um "caboclo" de 1 mt. 72 cts. de altura, calça sapatos N.º 40 e tem os braços fortes e musculosos como um peão de estância dos pampas ou um garimpeiro do Pontal, onde ele já trabalhou na mineração de diamantes por simples aventura. Seu rosto é moreno e simpático, a dentadura clara e perfeita, os olhos pequenos e vivos. Conta atualmente 46 anos de idade e está com a cabeça quase toda branca. Sua fala é simples e clara. Silvio é um homem que pensa e fala na ordem direta. É casado e tem uma filha de 14 anos que estuda atualmente num colégio de irmãs, do Rio de Janeiro. Chama-se Silvia, e sempre que "o maior seresteiro do Brasil" fala nela, seus olhos brilham com mais vivacidade, pois ele adora a sua pequena.



LEIA E DIVULGUE

*a maior revista no genero,
editada no Brasil para os
adeptos do tiro e do anzol.*

RUA LIBER● BADARÓ, 595

2.º - Sala 211 - Fone 36-5742 - S. PAUL●



Silvio Caldas iniciou sua vida aqui mesmo em S. Paulo, trabalhando nos Meinhos Gamba e mais tarde na firma Tobias de Barros & Cia.. Foi levado para o rádio por Milonguita, em 1927, ganhando o cachê de 20 e 30 cruzeiros por audição, na Mayrink Veiga do Rio. Da Mayrink foi para a Rádio Club, depois para a Rádio Phillips, onde atuou ao lado de Carmem Miranda, Francisco Alves, Zaira de Oliveira, Pixinguinha, Aurora Miranda, Renato Murse, etc. Todos esses nomes que hoje são "cartazes", alguns de fama internacional como Carmem Miranda, estavam no começo de sua carreira.

Silvio Caldas foi o criador do famoso *samba de breque*. Em 1927/28, Gastão Formenti e Chico Alves estavam chamando a atenção do público com a interpretação de canções. E Silvio não quis abrir luta com eles. Mas nessa época já era um sambista de méritos. E quando em 1932 começou a cantar samba-canção e valsa, abafou. Sua voz era esplêndida e o sucesso foi total. Vieram então, interpretações que se tornaram célebres em pouco tempo e de que nos lembramos até agora, em sua voz. A valsa "Mimi", "Professora", "Minha Palhoça", "Boneca" (Eu vi numa vitrine de cristal...), "Arrependimento" (O arrependimento quando chega...), "Pastorinhas", "Florisbela" (Encontrei a Florisbela entre as flores do jardim...). Essas canções fizeram de Silvio Caldas um dos cantores mais queridos do Brasil.

De 1932 para cá, Silvio conheceu a glória. Foi campeão do carnaval, durante 5 anos. Cantou todos os grandes sucessos de 34 a 39 e os compositores gostam de dar a ele as suas canções. Acham que o "caboclo" é um dos melhores intérpretes brasileiros. O que melhor "vivo" as suas canções.

Durante sua longa carreira profissional deram a Silvio Caldas muitos "slogans": "o poeta da voz", "o caboclinho querido", "o maior seresteiro do Brasil", etc. Em verdade Silvio é um poeta. Não canta somente porque a natureza o dotou de excelentes cordas vocais, mas porque tem uma alma. Imprime às canções que interpreta, a sua personalidade, dando a elas sentimento e beleza. Atualmente sua voz está melhor do que nunca, cristalizou-se, tornou-se mais límpida e melódica, e sua incorporação recente ao *cast* da Rádio Nacional, a maior emissora brasileira, com um contrato longo que lhe garante cerca de 40 mil cruzeiros mensais, é uma prova de que ele ainda é "a cigarras mais cantadeira desta freguesia", como diz o poeta.



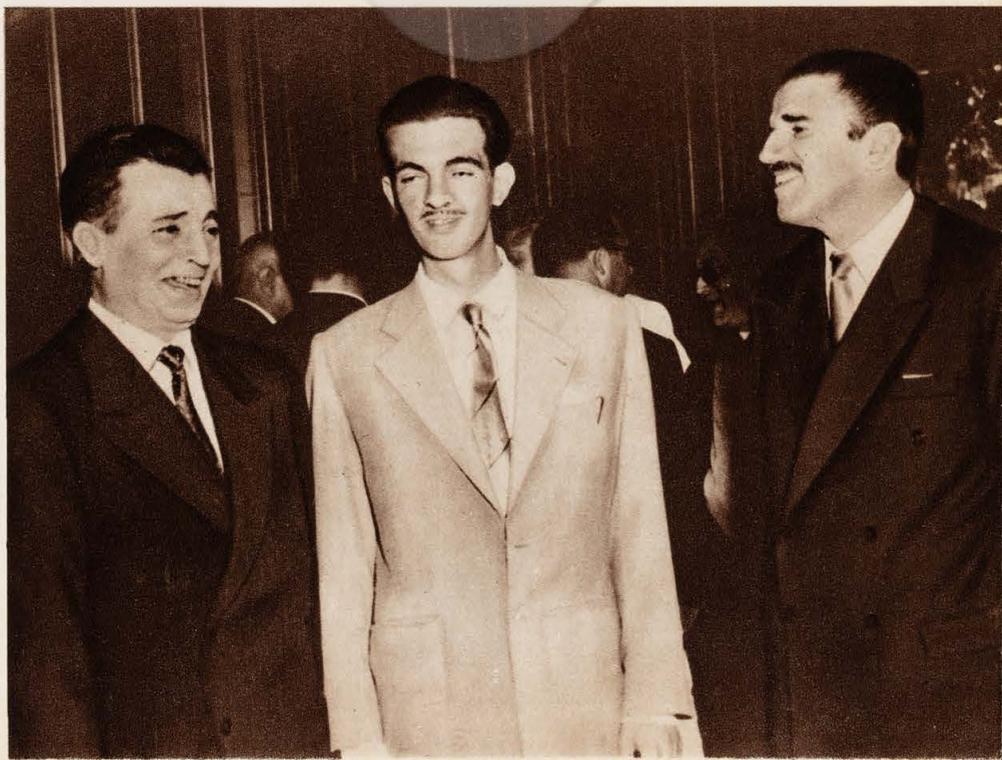
O sr. Adhemar de Barros quando cumprimentava o sr. Carlos de Oliveira Gomes, detentor do prêmio "POESIA". Ao lado, o sr. José de Barros Martins, presidente da Comissão Julgadora.

Premio Literário "Adhemar de Barros"

Cel. M. Cavalcanti Proença, prêmio "Ensaio Literário", Carlos de Oliveira Gomes — prêmio "Poesia" e Abílio Pereira de Almeida, prêmio "Teatro", durante a sessão de entrega dos prêmios, realizada em Janeiro ultimo, no palacio dos Campos Eliseos.

ESCREVENDO sôbre os Prêmios Literários "Adhemar de Barros", disse R. Magalhães Jr., no "DIÁRIO DE NOTÍCIAS", de 14 de janeiro último: "Aconteceu em São Paulo, terra onde acontecem tantas coisas espantosas, êste caso em verdade singular: foi aberto um concurso literário, pelo governo do Estado. Não só foi aberto, como foi julgado. Não só foi julgado, como os prêmios foram distribuídos. Sei que um deles coube, merecidamente, a Abílio Pereira de Almeida, um autor teatral com grande talento e uma surpreendente habilidade para dramatizar aspectos da vida contemporânea. Conquistou êle o primeiro prêmio do teatro com a peça "Paíol Velho", cujo êxito, em cena, no Teatro Brasileiro de Comédia, confirmou o juízo favorável dos julgadores do concurso."

Na noite de 29 de janeiro, no Salão Amarelo do Palácio dos Campos Elíseos, o sr. Adhemar de Barros, então governador do Estado, e patrocinador do certame, presidiu à sessão de entrega dos prêmios aos laureados. Foram vencedores do concurso: ENSAIO LITERÁRIO — 1.º lugar — Cel. M. Cavalcanti Proença, com o trabalho intitulado: "ROTEIRO DE MACUNAÍMA": POESIA — 1.º lugar — Carlos de Oliveira Gomes, com o trabalho "CANÇÕES DA TERRA E DO HOMEM": TEATRO — 1.º lugar — Abílio Pereira de Almeida, com a peça "PAIOL VELHO".



REVISTA DE CINEMA, UM PROGRAMA VITORIOSO

Há um ano mantem a média de 100 cartas diárias recebidas dos ouvintes — “Completo panorama sôbre gente e coisas de cinema” — É o programa radiofônico mais completo no gênero — Entrevistas ao microfone com astros e estrelas famosos nacionais e estrangeiros.

DOS programas lançados pela Rádio Excelsior, desde o comêço de suas atividades, como emissora comercial, “Revista de Cinema” é, sem dúvida, um dos que atingiu maior popularidade.

“completo panorama sôbre gente e coisas do cinema”, para aproveitar uma frase do próprio “script” do programa. Diariamente os ouvintes apreciadores da sétima arte, têm as últimas notícias cinemato-



Grupo tirado na Rádio Excelsior, logo depois da entrevista concedida por Tonia Carrero, ao programa “REVISTA DE CINEMA”. Tonia Carrero entre Fernando de Barros e Paulo Autran, vendo-se ainda Tito Fleury e Armando Couto.

A correspondência dos ouvintes que concorrem diariamente aos prêmios de entradas de cinema e discos, é numerosa. Essa correspondência mantem-se numa média de 100 cartas por dia, há mais de um ano. “Revista de Cinema” apresenta um

gráficas, através de biografias de artistas, amplas reportagens sôbre acontecimentos do cinema mundial, crítica de filmes em exibição nos cinemas da capital, mexericos, notícias pitorescas e músicas de filmes.



Ruggero Jacobbi, dir. de "PRESENÇA DE ANITA".



Tonia Carrero, a estrela de "Quando a Noite Acaba" e "Tico-Tico no Fubá"



Vera Nunes, protagonista de "Pinguinho de Gente" e "Presença de Anita".



Zienbinsky, o conhecido "metteur-en-scène".

UM ASPECTO ORIGINAL

Uma das partes de Revista de Cinema que logo entusiasmou os ouvintes, foram as entrevistas ao microfone com astros e estrelas famosos do cinema nacional e internacional. Luiz Giovannini, crítico de cinema e teatro, e produtor de Revista de Cinema, não se limitou apenas a apresentar ao microfone, de modo objetivo e original, o imenso material colhido junto às empresas cinematográficas e no contacto direto com astros e estrelas do cinema, quis um contacto mais direto entre os ouvintes (espectadores sempre curiosos) e os artistas. Qual a solução? Levar aos grandes intérpretes as perguntas dos ouvintes, para que eles respondessem? Transmitir entrevistas escritas dos astros e estrelas prediletos do público? — Não. O caminho mais certo seria trazer essas criaturas misteriosas ao microfone e fazê-las falar, dizendo de viva voz aquilo que o público gostaria de ouvir. Foi o que Giovannini fez, dando dêsse modo um dos aspectos mais originais a seu programa que já era o mais completo no gênero.

Até agora foram entrevistados em Revista de Cinema, astros e estrelas, diretores cinematográficos



Gerard Phillippe sendo entrevistado por REVISTA DE CINEMA, durante o churrasco oferecido nos estúdios da Maristela, à delegação francesa que participou do Festival Cinematográfico realizado em Punta Del Este.

e alguns diretores de teatro, uma vez que o teatro entre nós está intimamente ligado ao cinema, havendo mesmo estrelas como Tonia Carrero, Vera Nunes e o ator Armando Couto que trabalham simultaneamente no teatro e no cinema.

Nos dias em que é anunciada uma entrevista com artistas de cinema o público

Vera Nunes distribuindo autografos aos seus fans, no auditório da PRG. 9





Armando Couto sendo entrevistado logo depois da apresentação de "Amanhã, se não Chover", de Henrique Pongetti.

enche literalmente o auditório da Excelsior, demonstrando seu grande interesse pelo assunto. Foi assim com Eliane Lage, Carlos Vergueiro, Vera Nunes, Tonia Carrero, Ester Fernandes, Alberto Ribeiro, galã do cinema português, etc.

Ultimamente algumas dessas entrevistas têm sido feitas diretamente das casas Lu-Mousseline, patrocinadora da Revista de Cinema.

Revista de Cinema é um programa vitorioso. Muitas pessoas não compreendem como Giovannini (quase o pêso de Mario Civelli) possa ter tanta atividade. Mas essas mesmas pessoas acham também que a revista de cinema que é apresentada pela Excelsior, todos os dias às 10 hs. 30, não poderia ser feita por outra pessoa, senão pelo dinâmico crítico dos "arquivos implacáveis" de cinema.

Eliana Lage, a "estrela" de "Caiçara".





Antonieta Mourineau, numa cena do filme.

"PRESENÇA DE ANITA"



Orlando Vilar

Novamente Orlando Vilar (Eduardo) e Vera Nunes (Diana).



O PRIMEIRO FILME DA "MARISTELA"

FINALMENTE, depois de longos e extenuantes trabalhos, está pronta a primeira produção da Maristela Cinematográfica.

"PRESENÇA DE ANITA", baseado no romance homônimo de Mario Donato, dirigido por Ruggero Jacobbi, com Antonieta Mourineau, Orlando Vilar, Vera Nunes e Ana Luz, nos principais papéis, é o filme que marca a entrada dos estúdios de Jaçanã na vida artística do país. Até agora as atividades da nova empresa se cingiam aos atores, técnicos, críticos, um ou outro jornalista e alguns amigos. Hoje, porém, entra em contacto com o público, através de seu principal meio de expressão — a película. Do êxito de "PRESENÇA DE ANITA" dependerá, por certo, as atividades posteriores da Maristela.

Pela reportagem que estamos inserindo neste número, poderá o leitor ter uma pequena idéia dos meios técnicos de que dispõe a Maristela, do pessoal técnico e do elemento artístico. É por isso que se pode prever a marcha dessa nova organização, uma marcha segura para o sucesso completo do cinema nacional.



Antonieta Mourineau (Anita) e Orlando Vilar (Eduardo), num momento dramático da história.



Antonieta Mourineau, principal interprete do filme.



Ana Luz, a descoberta do diretor Jacobbi, que tem, no filme, papel de destaque.

GENTE DE RADIO

UMA CANTORA COMPLETA

LENY ADERIU AO SAMBA



AGNES AYRES, que aparece nesta foto especial para a "Revista FOCO", é uma de nossas mais perfeitas intérpretes de música lírica. Iniciou sua carreira como cantora em 1942, na Rádio Cultura, passando para a Gazeta em 47, onde permanece até agora. Em 1949 foi à Itália, e atuou em diversos teatros de grandes cidades, sempre com absoluto sucesso, tendo merecido excelente acolhida da crítica italiana.

O que ficou dito, porém, pode dar a impressão de que Agnes Ayres se dedica inteiramente à música fina, recebida de importação do estrangeiro. E isso não é verdade. Agnes também canta a nossa música popular com uma expressão raramente alcançada pelas cantoras que se dedicam inteiramente a esse gênero. Suas interpretações de "Maria Alaô", "Ave Maria no Morro" e o jongo "Piedade Yemanjá" são inesquecíveis. Esse aspecto de sua vocação musical revela que Agnes tem grandes possibilidades como intérprete de nossos belos sambas e canções. Da parte boa de nossa música popular, é claro, porque há uma boa parte de nosso populário musical que nem os melhores cantores do mundo conseguirão apresentar com agrado, porque não tem nenhum valor.

Temos certeza de que em edições futuras ainda registraremos muitos outros sucessos de Agnes Ayres, na música popular.

A nota de sensação do "broadcasting" paulistano, foi dada por Leny Eversong, a renitente, que aderiu à música popular brasileira. Leny é realmente a melhor intérprete brasileira de músicas norte-americanas, como diz o seu "slogan", mas quem a ouviu em sua audição de estreia no novo gênero, acha com muita razão que ela já devia ter começado a cantar a nossa música há muito tempo. Foi um sucesso!



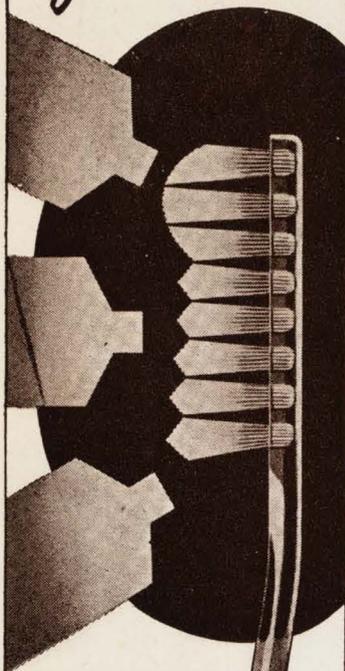
O "BROTINHO"



Aqui está um "brotinho". ● nome? Nemesita Martins, também do "cast" da G-9. Especialidade? Papéis de mocinhas e crianças. Telefone? Ah! desculpe, mas não pode ser.

escôva

Juvenia



a que melhor
se adapta
à sua
pasta
de
dentes

- desenho científico
- duas consistências: média e dura
- toda de nylon legítimo
- já esterilizada

Seu sorriso precisa de ambas!

ESCÔVA DE DENTES

Juvenia

MAIS UM PRODUTO JUVENIA

Standard

ELA É MUITO BOA...



SANDRA AMARAL que teve um começo rápido no rádio, passando depois para as boites, promete voltar agora em melhor forma, não somente como cantora mas também para fazer parte do radionovela de uma de nossas emissoras, com quem já está em entendimento. Esperemos mais uns dias para saber qual será o seu novo prefixo. Ninguém pode negar que ela é uma cantora muito "boa."

VADECO ESTÁ ABAFANDO

Você está lembrado daquele rapaz que cantava em dupla com Hebe Camargo, na Boite Lord? Não? Ah! não vai a boites. Bem, aqui está ele. Seu nome artístico é VADECO. Está agora no Sumaré, fazendo um bruto sucesso.



ANTES DO BEIJO

"Ele" admira os seus lábios...

- torne-os encantadores

com TANGEE

Seus lábios podem ser ainda mais belos... mais tentadores... com o suave brilho que o "efeito de pétala" — exclusivo de Tangee — lhe proporciona. Tangee, em oito tonalidades da moda, adere suavemente e dura muito mais. Em atraentes estojos... Use

Tangee... para "ele" se extasiar com a beleza atraente de seus lábios!



MAIS MULHERES VÊM USANDO

Tangee

do que qualquer outro baton no mundo

O INVENTOR DA CARECA



Gino Becchi exhibe a um grupo de crianças a sua luzidia careca. Reparem a admiração do pequeno. Até as crianças estranham a ausência daquela bela cabeleira negra com que ele aparece nos filmes. Poucas pessoas no Brasil sabiam que Gino Becchi é o inventor da careca.

Cupido ESTÁ À SUA *espera!*

ELE APENAS QUER
QUE VOCÊ *USE*

flamour

O perfume
MÁGICO
do AMOR!



COLONIA * PÓ DE ARROZ

LOÇÃO * TALCO

AGUA DE LAVANDE

BRILHANTINA * EXTRATO

ROUGE * BATON

PERFUMARIA
flamour
SOCIEDADE ANÔNIMA
Liberdade, 763 - São Paulo



GRAFIX



A NOVA TEMPORADA DE SILVEIRA SAMPAIO NO GRANDE AUDITÓRIO DO CULTURA ARTÍSTICA



AS temporadas de Silveira Sampaio em São Paulo constituem acontecimentos sociais e artísticos de grande relevância. A estreia de "O Impacto", peça de autoria do próprio Silveira Sampaio, no grande auditório do Cultura Artística, atraiu a melhor sociedade paulista, além de destacados elementos de nossos meios artísticos e intelectuais.

Como nas temporadas passadas, Silveira Sampaio apresentou peça de sua autoria, desta vez, porém, em colaboração com Cló Pereira Prado. E, ao contrário da norma habitualmente seguida por Silveira Sampaio, desta vez o conhecido autor-ator-diretor apresentará nesta temporada dois novos autores paulistas, a citada Cló Pereira Prado, com "A Porta", e Vicente Catalano, com "O professor de Astúcia".

Falando de "O Impacto", disse Silveira Sampaio:

— Trata-se de uma peça feita em colaboração com Cló Pereira Prado e não é propriamente uma sátira. Os estilos se misturam como na própria vida. E o problema do "O Impacto" é, inicialmente, "Floracio", herói da peça. "Floracio", no primeiro ato, fica sozinho em cena, o tempo todo. Sozinho com ele mesmo. Sem se comunicar com pessoa alguma do exterior. Sem falar ao telefone.

"Floracio" é um homem trancado no quarto, falando consigo próprio. Ele e o seu problema. No segundo ato o problema de "O Impacto" é o amor. "Floracio" desaparece e fica em seu lugar "Helvetia", sua esposa. Mas o amor não é o amor de "Floracio" por "Helvetia" e por isso "Helvetia" procura resolver o assunto, servindo-se primeiro de um psicanalista, depois de uma cartomante e, finalmente, de um detetive particular. Esses personagens têm a mesma função na vida de "Helvetia"; simbolizam uma tábua de salvação sempre fugidia. Por isso, os três personagens têm a mesma fisionomia. Finalmente, no terceiro ato, "Helvetia" e "Floracio" defrontam-se pela primeira vez em cena, cada um com o seu problema. Fundem-se os problemas, e a coisa se resolve da melhor maneira possível.

— Na apresentação de "O Impacto" em São Paulo — continua Silveira Sampaio — a peça sofreu alterações fundamentais no que diz respeito à sua apresentação. Por exemplo, não foi dividida em atos e é apresentada em uma só sequência, com a mudança de sete cenários em cena, sem qualquer interrupção. Isto, naturalmente, só possível graças ao palco giratório que o Cultura Artística, grande auditório, acaba de inaugurar.

Reproduzimos, a seguir, algumas fotografias de "O IMPACTO".





Luiza Barreto Leite, crítica carioca. Adolfo Celli, diretor da peça, Cacilda Becker, ainda maquiada, Sergio Cardoso e Ziembinsky.

PIRANDELLO

no TEATRO BRASILEIRO

A estreia de "Seis Personagens à procura de um Autor", de Pirandello, levada à cena no Teatro Brasileiro de Comédia, em "mise-en-scène" de Adolfo Celli, com Cacilda Becker, Sergio Cardoso, Paulo Autran, Carlos Vergueiro e Rachel Moacyr, nos principais papéis, constituiu um dos maiores acontecimentos artísticos e sociais

dêstes últimos tempos. A crítica carioca, especialmente convidada, críticos paulistas, escritores, jornalistas, o sr. Governador do Estado e elementos de nossa melhor sociedade, estiveram presentes à "première" de "Seis personagens à procura de um Autor", testemunhando com palmas, o valor da aludida peça.

Pirandello é, sem dúvida, dos autores mais difíceis de serem interpretados. Além disso, requer um conjunto de atores realmente bons. Não apenas a trama, mas o texto e a armação aparentemente contraditória de sua obra, têm posto no pelourinho do julgamento, artistas de todo o mundo que tentaram levar à cena peças do grande escritor. Aqui no Brasil mesmo, poucas companhias se aventuraram nesse terreno, com receio do fracasso. Por tudo isso, pela dificuldade da peça, pela mocidade desse grupo de atores do T.B.C., pela falta de uma tradição teatral no bom sentido, o espetáculo do Teatro Brasileiro de Comédia se agiganta e se projeta como uma realização perfeita e completamente lograda no terreno do espetáculo.

Adolfo Celli, um valor moço vindo da Itália, soube imprimir à peça de Pirandello esse cunho de objetividade e realismo (aludimos à objetividade e ao realismo na peça em si, e não da vida) que "Seis Personagens à procura de um Autor" estava a exigir. Penetrou Celli nas particulares de cada um dos personagens e apresentou um todo vigoroso, pirandeliano cem por cento, humano e artístico a um tempo. Veja-se por exemplo a figura do "filho", para citar uma das mais perigosas personagens da galeria. A sensação de incompletabilidade que Pirandello nos dá dessa sua figura, também a sentimos na criação teatral, levada a efeito por Carlos Vergueiro, ator que vem se firmando cada dia mais. E isto sem falar nas figuras completas, como a "enteadá", (Cacilda Becker), o "pai" (Sergio Cardoso) e a "mãe" (Rachel Moacyr).

Tudo isto o público presente ao espetáculo sentiu e por isso se emocionou. A coroação de cada um dos atos, feita por vigorosas e prolongadas palmas, são uma prova disso, sem falar nos cumprimentos que os artistas receberam no final da noite, por uma multidão que superlotou os camarins dos atores.

"FOCO", presente a essa festa do espírito, testemunha seu entusiasmo reproduzindo uma série de fotografias que fixam aspectos da apresentação de "Seis Personagens à procura de um Autor" e que dão aos leitores uma idéia do que foi essa magnífica noite.



O poeta Guilherme de Almeida, em animada palestra.



O sr. Lucas Nogueira Garcez, governador do Estado, e senhora.



Sergio Cardoso e Cacilda Becker, os protagonistas de Pirandello, ainda maquiados, depois do espetáculo.



Eliana Lage, a "estrela" de "Caçara", em conversa com seu esposo, Tom Payne, enquanto Luciano Salce, (de mão no bolso) olha resabiado, nossa objetiva...



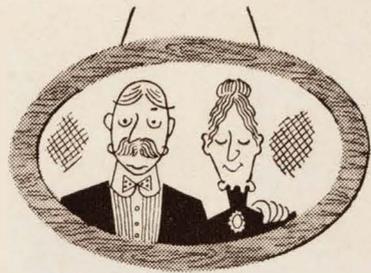
Os críticos cariocas, Mário Nunes, Celestino Silveira, Waldemar Doria, Jonald e Brício de Abreu, palestram pouco antes do início da peça.



Marisa Prado, a protagonista de "Terra é Sempre Terra", segunda película da Vera Cruz, sorri ao sr. Harry Bergher, gerente da Universal Filmes do Brasil, durante o coquetel oferecido à crítica pela direção do T. B. C.

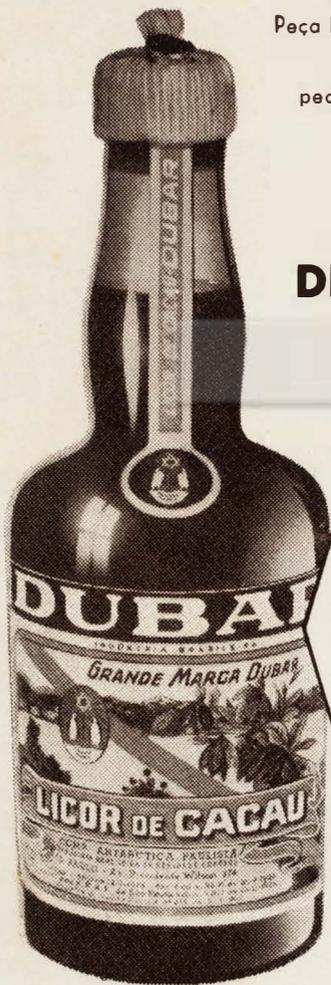
DE SABOR BEM NOSSO...

- o licor da família brasileira!



Há quarenta anos o
Licor de Cacau Dubar
vem deliciando
o paladar dos que
sabem escolher.
Peça Licor de Cacau
Dubar e estará
pedindo o melhor.

**LICOR
DE CACAU
DUBAR**



em 1/2 litro
ou 1 litro



DUBAR há uma delícia Dubar
para cada paladar



OSMANO CARDOSO

O Sr. Edmur de Castro Cotti está escrevendo uma crônica intitulada "Janela Para o Mundo", que J. Alvisc Assumpção lê todas as terças, quintas e sábados às vinte horas e trinta minutos na Cultura. Ora, "Janela para o mundo" era o subtítulo de Manchete, um programa que a Excelsior irradiou por muito tempo e, ao que parece, não agradava muito ao Sr. Cotti.

Comentando esse fato, um redator da G-9, disse outro dia: "Que diacho, já que o Edmur nunca morreu de amores por nós, por que não procurou outra abertura para o mundo, em vez de usar a nossa janela?"

Não pensem que este humilde cronista é algum malicioso (cruz! credo!) que só fala mal. Longe disso! Achamos que como radialista o prof. Carrato (José Ferreira) é uma excelente criatura.

Ivanj Ribeiro, "proprietária" do teatrinho mais ouvido de S. Paulo, dizia uma tarde destas na redação de sua emissora: "Estou com vontade de fazer um programa feminino que talvez se intitule "A Arte de Ser Bela." Um galã de rádio-teatro que estava ao lado perguntou, na deixa:

Trata-se de sua biografia, madama?

PARA GREGOS E TROIANOS

Finalmente Waldemar Cigliani parou um pouco com aquele cartazite escandaloso e sem fundamento. Ninguém nega que como galã dramático ele é um excelente corretor, mas aquelas exibições ficavam feio para um diretor de emissora.

A Excelsior descobriu uma nova fórmula radiofônica: o show. Naturalmente sabe-se que se trata de uma coisa nova porque foi a G-9 quem descobriu, apesar de Gabus Mendes já fazer isso há 15 anos e das outras emissoras ainda fazerem até agora. É verdade que não como a Excelsior. Pois o Show é um programa essencialmente "de vendas" e as outras emissoras o fazem sempre por exigências dos anunciantes e nunca por outros motivos.

Quando apresentaram a radioatriz Mirtes Grisoli a Helio de Alencar, em vez de ele estender a mão e dizer "Prazer em conhecê-la", como todo mundo faz, gritou bem alto: ÔBA!

MEXERICOS

Dizem que Fredy Jorge, o Jaburú da PRA-5 foi contratado pela Mairinque. (Esta não tem graça. O desfecho virá daqui a alguns meses).

A radioatriz Lia Valiere, uma tarde entrou suspirando e muito desinquieta no estúdio. Osmano Cardoso notando a sua atrapalhão, perguntou a ela:

- O que aconteceu com você, menina?
- Estou apaixonada! Terrivelmente apaixonada! Que devo fazer, hein?
- Case logo, ora essa!
- Casar? Mas eu estou apaixonada por dois ao mesmo tempo! — respondeu a moça.
- E o Osmano, calmamente:
- Mas o que tem isso?

AÇUCAR NA VOZ ...



Neyde Pereira é uma cantora que está progredindo rapidamente, graças a seu esforço próprio e honestidade. Agora mesmo acaba de gravar dois de seus sucessos, o baião "Me dá" e o samba "Coração", que serão lançados pela Rio Discos. Neyde que foi rainha dos artistas de 1950, talvez ainda venha a ser rainha de nossa música popular, num futuro que não está muito distante. Valor é que não falta à "moreninha que tem açúcar na voz".



LIA VALIERE

Durvalino Bottini que se popularizou com a criação de João Bôbo, já trabalhou em quase todas as emissoras paulistas, mas acabou dando com os costados na Cruzeiro do Sul com um bom contrato. E a turma agora diz que desta vez, quem cometeu bobagem foi o diretor da Cruzeiro.

Uma frase de Renato Macedo da Excelsior: "O Teatro Duchon das segundas-feiras não é biscoito!"

Naquele tempo o locutor Walter Ribeiro da Bandeirantes, andava com a mania de americanismo e ao anunciar um "boogie" do nosso brasileiro Denis Brean, soltou esta ao micro: "Ouviremos agora o "boogie" de Dinis Brim."

Newton Prado, galã dentro e fora do rádio, antes de embarcar para o Rio, teve de preencher uma ficha em certa repartição pública, onde ia respondendo às perguntas de um funcionário:

- Nome, por favor?
- Newton Prado Lux.
- Dia, mês e ano em que nasceu?
- 19 de Junho de 1925.
- Estado civil?
- Solteiro.

E o funcionário, instintivamente:

— Há quanto tempo?

Dizem que Itá Ferraz deixará a Gazeta para exercer as funções de diretor de programação de uma estação de rádio local.

Diálogo entre dois locutores esportivos, colocados em locais diferentes do campo, durante uma irradiação de futebol:

— Alô, João Manuel da Cunha Alcoforado, o que foi que você observou daí, João Manuel da Cunha Alcoforado?

— Bem, Antonio de Aguiar Estapafurdio, eu acho que o juiz vai cobrar mesmo a penalidade. Pelo que eu pude observar Antonio de Aguiar Estapafurdio, Mr. Coisa registrou a falta no momento precipuo. O Boião, realmente praticou "hand", pelo que eu pude observar daqui deste lado esquerdo das arquibancadas.

— Obrigado, João Manuel da Cunha Alcoforado.

— De nada, Antonio de Aguiar Estapafurdio.

Esses locutores esportivos são de uma modestia, clareza e precisão que deixa a gente emocionada.

Informações sobre o signatário desta seção: Nome, — Pedro Cayena. Nacionalidade, — gaúcho. Pêso, — 95 quilos. Altura, — 1 met. 72. Esporte preferido, — Box. Licença para porte de armas N.º 11.342.

EMISSORAS EM FOCO

CULTURA

Está cantando na Cultura "La Mexicanita e sus Chinacos", com grande agrado por parte do público ouvinte da E-4. La Mexicanita é uma garota graciosa que canta e encanta. De temperamento "caliente" e desinquieto a mexicana parece que descobriu os "movimentos" de que nosso público de auditório gosta, pois nos dias de sua audição o auditório da emissora que "possui o melhor som de S. Paulo" tem estado repleto.

Continúa na emissora da Av. S. João o sucesso do Trio Marajó, que canta os números criados por Panchito. E há também Marion, a conhecida cantora de sambas que participou de alguns filmes nacionais, e está fazendo uma temporada longa e barulhenta. Do México vem ainda Maria Luiza Landin, que canta boleros, rumbas e canções. Quando ao pessoal da casa Helio de Araujo apresenta o seu "Fim de Semana", J. Alvisse Assumpção lê a crônica chôcha de Edmur de Castro Cotti, etc..



LA MEXICANITA

EXCELSIOR

A Excelsior aderiu à linha Record-América. Está apresentando show escritos por Marcos Rey, com inegável bossa. Às quartas-feiras Mario Donato apresenta "Meu Filho, Meu Orgulho", um programa de sucesso garantido nos moldes de "Honra ao Mérito", onde o romancista apresenta sempre o exemplo de um bom filho, com a presença de pais ou parentes. Sexta-feira o show da Feira do Lar. Durante a semana Leny e o Jazz Excelsior, dirigido por Osmar Milani e alguns excelentes programas de discos como Ecos da Broadway, dirigido por Renato Macedo. Tudo isto na Excelsior e mais a "moedinha que tem açúcar na voz".

RECORD

Ao que estamos informados diversos produtores pensaram em fazer um teatro de terror à meia-noite. Nenhum porém, se animou a levar a cabo a idéia. E Talma de Oliveira que tam-

bém teve o estalo cozinhou a "bichinha" em silêncio e fez o teatro. Resultado: Está recebendo centenas de cartas por mês.

"Dicionário Enciclopédico Gessy" é outro programa de sucesso da "Maior". Redação: Blota Junior. Direção musical do maestro Gabriel Migliori. — Outro do Blotinha: "Confidências dos Corações", uma cópia de seu famoso "Segredos e Confissões", em que o produtor apresenta casos enviados pelos ouvintes em excelentes radiofoniações. — Às sextas-feiras há "Crime não Compensa" e "Não Diga Alô", dos programas que estão "barba-dos", mas de que os ouvintes gostam. Cartazes? Neris, além de Neyde Fraga, de vez em quando, e Isaura Garcia sempre.

SÃO PAULO

A São Paulo continúa insistindo com a apresentação de novelas chorosas, na interpretação igual e cansativa de seu "cast" radioatral, onde se salvam muito poucos da mediocridade, além de Antonio de Freitas, Mirtes Grisoli e às vezes, o Odair Marzano. Mas só às vezes.

BANDEIRANTES

"Sua Excia., o samba", de Evaldo Ruy, um programa razoável, melhor do que muitos que andam por aí em grandes anúncios de jornal. Henrique Lobo, com seu "Jardim dos Namorados" continúa insistindo contra o coração das mocinhas que leem o Grande Hotel. E Moles, depois que apresentou aquele magnífico show "Ritornelo da Rua Paula Souza" e algumas audições como a história do câncer, está tomando folgo para dois ou três grandes lançamentos. Soubemos ontem que o grande produtor quebrou um braço e está ditando seus programas a uma secretária. Bem, Moles quebrou um braço, mas notem bem, não está de pernas quebradas.

EMISSORA DE PIRATININGA

Esta é a antiga Cruzeiro do Sul. A gente custa a se acostumar com a mudança de nome de uma instituição. Às vezes acontece como a mudança de nomes de rua, o novo nome não



MARION

pega. Bem, o fato é que o pessoal da Praça do Patriarca está com vontade de dar um susto nas outras emissoras. Cardoso Silva estreou lá, um dia destes. Como sempre o "velho" sabe cativar as fãs com suas novelas úmidas. Waldir Wey vai escrever uma novela para a Piratininga. O resto é silêncio. O silêncio mais silencioso do mundo.

TUPI-DIFUSORA

Numa destas terças feiras ligamos o rádio na PRG-2, PRF-3. Era uma terça-feira e a programação daquele dia estava assim: 20 horas: "Direito de Nascer", uma novela de sucesso 20,30 hs. "Só para Mulheres", excelente programa montado, apesar de ser escrito por uma mulher. 21 hs.: "PRK-30" e às 21,30 finalmente o famoso "Noturno do Sumaré". Em suma, uma programação maciça com uma novela, um programa montado, um humorístico de primeira qualidade e um show. Não é preciso mais. Isso acontece de vez em quando nas associadas. E apesar das chachadas no terreno do rádio-novela e de alguns shows tremendamente ruins, a Tupi-Difusora apresentam algo substancial que garante a permanência de ouvintes de todas as classes.



TRIO MARAJÓ

o sanitário moderno que você exigia!

Finesse*

FÔLHA DUPLA

Finesse é o ideal para a pele delicada da criança. Tão macio, tão suave, Finesse é ótimo também para você remover a sua maquilagem. E veja que vantagem: Finesse é de *fôlha dupla*. Por isso é muito mais absorvente e *duplamente econômico!*



Finesse é apresentado nas cores de sua predileção... e em elegantes caixas de 6 rolos, para maior comodidade e economia.

Standard



Para a sua proteção...

Finesse é produzido com celulose puríssima, sob rigoroso controle de fabricação. É completamente isento de impurezas que possam causar irritações. Sua *fôlha dupla* assegura maior conforto e absorve muito mais. Finesse é o melhor para quem exige o melhor!

* MARCA REGISTRADA

Finesse*

mais um famoso produto de fabricação CIPEC — à venda nas boas casas do ramo

DISTRIBUIDORES: COMPANHIA MECANICA E IMPORTADORA DE SÃO PAULO - RUA FLORÊNCIO DE ABREU, 210 - TEL. 32-7185-32-0345 - SÃO PAULO

Marcelle Auclair



DICIONÁRIO

DA

BELEZA FEMININA

Livraria

MARTINS EDITORA

UM LINDO LIVRO
PARA
LINDAS MULHERES!

DICIONÁRIO
da BELEZA
FEMININA

*O livro da graça e
do encanto femininos*

O que fazer para tornar-se bela? É a pergunta que todas as mulheres fazem, mas que nem sempre encontra uma resposta satisfatória.

Marcelle Auclair, a especialista número um de Beleza, responde da França, pátria da elegância e do encanto femininos, esta pergunta que está nos lábios de toda a mulher inteligente.

Não deixe de adquirir este livro, que alcançou um dos maiores sucessos de livreria na Europa!

Um BELÍSSIMO
VOLUME COM
CÊRCA DE 400 PÁ-
GINAS DE RECEITAS
E CONSELHOS PARA
A BELEZA, DISPOS-
TOS EM ORDEM
ALFABÉTICA,
IMPRESSO EM
2 CÔRES E CAR-
TONAGEM ESPE-
CIAL. . CR\$ 60,00

Enfim! UM LIVRO QUE É UMA HOMENAGEM ÀS MULHERES BELAS DO BRASIL!

Livraria MARTINS *Editora S.A.* Rua São Francisco, 77/81 - SÃO PAULO